

O país da fantasia

Gênero recente no Brasil, a “literatura nerd” ganhou força com a internet e hoje é uma aposta das grandes editoras





Divulgação



Eduardo Spohr (foto) é um fenômeno. Desde 2010, quando fez sua estreia por uma grande editora, já vendeu mais 700 mil títulos dos livros que escreve sobre mundos e civilizações fantásticas. Números que não combinam com a literatura brasileira contemporânea, acostumada com a triste realidade do encalhe. Mas até que o “fenômeno Spohr” se consolidasse, houve um longo caminho para a literatura de fantasia / fantástica no Brasil.

É sobre esse tortuoso trajeto de um gênero pouco compreendido e até mesmo desprezado, que o **Cândido** fala nesta edição. O pesquisador Bruno Anselmi Matangrano escreve um elucidativo ensaio mostrando as origens do gênero no Brasil, os nomes que inspiraram nossos autores e como, através

do tempo, esse tipo de literatura foi se ramificando em diversos subgêneros.

Matangrano identifica em livros como *A filha do inca*, de Menotti del Picchia (1892-1988), uma narrativa que já flertava com a fantasia. E analisa, também, autores como Monteiro Lobato (1882-1948) e Mário de Andrade (1893-1945) a partir das características fantásticas de obras como *Macunaíma* e *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, ambas tendo como pano de fundo um Brasil fictício, povoado por seres fantásticos.

Já o autor Thiago Tizzot escreve sobre o cenário atual da literatura de fantasia, os principais autores e como esse mercado, que inclui diversos outros produtos e eventos, se modificou e cresceu no país nos últimos 20 anos. Por fim, uma reportagem mostra o surgimento de selos e editoras brasileiras

especializadas no gênero.

A 55ª edição do **Cândido** também traz outros conteúdos, como a matéria que resgata a trajetória do lendário cartunista Alceu Chichorro, um dos nomes mais importantes da imprensa paranaense. Já a fotógrafa Vilma Slomp revela suas preferências literárias na seção “Perfil do Leitor”. E o também fotógrafo e artista visual Tom Lisboa publica um ensaio de seu “Projeto Cinematográfico”, onde molduras coloridas foram penduradas em vários locais de Curitiba para que o espectador experimentasse uma sensação de “cinema ao vivo”.

Entre os inéditos, destaque para o longo conto de Otávio Duarte e as narrativas de Eric Novello e Enéias Tavares, dois dos principais nomes da literatura de fantasia no Brasil.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Kayne Abreu e Lucas de Lavor

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

André Dahmer, Bianca Franco, Bruno Anselmi Matangrano, Enéias Tavares, Eric Novello, Marcelo Cipis, Marília Costa, Marluce Reque, Otávio Duarte, Tom Lisboa e Thiago Tizzot.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Paranaenses em cartaz no MON

Reprodução



Segue em cartaz até 27 de março na Sala 6 do Museu Oscar Niemeyer a mostra “Colapso”, com 55 obras de três artistas paranaenses: Cleverson Oliveira, Fernando Burjato e Gabriele Gomes [a imagem acima é de uma obra desta artista]. Na exposição há pinturas, desenhos, objetos e instalações. A curadoria é de Ana Rocha. O Museu Oscar Niemeyer (MON) está situado na Rua Marechal Hermes, 999, no Centro Cívico, em Curitiba (PR). O horário de funcionamento é de terça a domingo das 10h às 18h. Mais informações (41) 3350-4400 ou www.museuoscarniemeyer.org.br

Premiação da Gincana da Leitura

No dia 20 de fevereiro, a Seção Infantil da BPP realiza a premiação da Gincana da Leitura, que aconteceu entre 13 de janeiro e 5 de fevereiro, contando com a participação de 31 crianças de 7 a 12 anos. Durante a premiação, serão apresentados trabalhos em áudio e vídeo elaborados pelas crianças. Os participantes vão receber livros e os primeiros colocados na gincana ganham brindes surpresa. A entrada é franca. Mais informações: (41) 3221-4980.

Tridapalli finaliza novo romance

Paulo Henrique Camargo



Cezar Tridapalli revisa o seu terceiro romance, *Vertigem do chão*. A narrativa traz dois personagens principais, um holandês, que vive em Utrecht e viaja para Curitiba, e um brasileiro, que vai de Curitiba para Utrecht. “É nessa inversão que o romance acontece”, conta o escritor curitibano, autor dos romances *Pequena biografia de desejos* (2011) e *O beijo de Schiller* (2014), vencedor, em 2013, do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura. Tridapalli já esteve 3 vezes em Utrecht, “duas vezes por causa deste livro” — a mais recente temporada foi de meados de janeiro até o dia 1 de fevereiro deste ano. O prosador diz não ter pressa para lançar a obra, ainda sem contrato com nenhuma editora.

LIVRODOSNOVOS



Mais novos na área

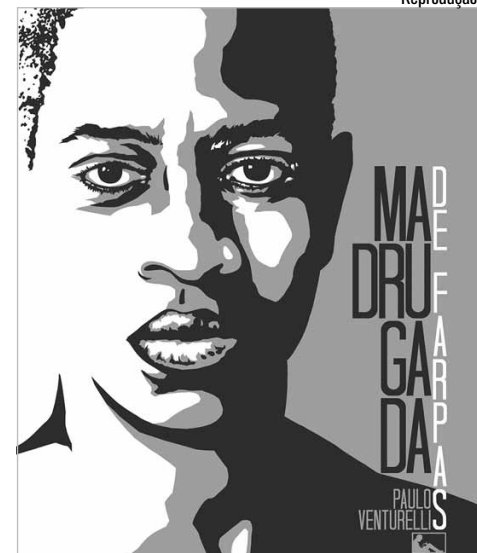
Ainda no primeiro semestre de 2016, a Travessa dos Editores coloca nas prateleiras, gôndolas e vitrines de livrarias a terceira edição do *Livro dos Novos*, coletânea de contos de autores nascidos ou radicados no Paraná, que tenham entre 20 e 30 anos. A primeira edição saiu em 2013, reunindo 16 autores. Em 2015, a segunda compilação também trouxe 16 vozes. Adriana Sydor é a responsável pela curadoria do projeto.

Poesia pela Kotter

A Kotter Editorial publica nos próximos meses *E os desgarrados retornam para ti*, primeiro livro de poemas de Marco Aurélio de Souza. Ele é autor de 2 romances, *O intruso* (2013) e *Conexões perigosas* (2014). Nascido em Rio Negro (PR), é graduado em História, atualmente doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e vive em Ponta Grossa (PR).

A prosa afiada de Venturelli

Reprodução



O escritor Paulo Venturelli publicou, pela Arte & Letra, o romance *Madrugada de farpas*. O *Cândido* antecipou, na edição 30, de janeiro de 2014, um fragmento da longa narrativa ficcional, que tem como matéria-prima o universo gay da capital paranaense. Catarinense radicado em Curitiba, Venturelli atuou por anos como professor, entre outras instituições, no Colégio Medianeira e na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante da Academia Paranaense de Letras (APL), é autor de dezenas de títulos, incluindo poesia e prosa.

Breve panorama da presença da fantasia na literatura brasileira

Divulgação





O escritor e pesquisador **Bruno Anselmi Matangrano** traça um mosaico de referências sobre as origens e as várias vertentes da literatura de fantasia, gênero que teve tardio aparecimento na literatura brasileira, mas que ganhou força nos últimos 20 anos

Há algum tempo, fui chamado para fazer um panorama da literatura fantástica no Brasil, para a revista *Bang!*, da editora Saída de Emergência Brasil, no qual o desafio foi recortar alguns textos representativos dentre uma grande variedade de obras fantásticas esparsas ao longo da História. Desta vez, tentarei fazer algo semelhante, mas com uma parte mais específica do que popularmente chamamos de literatura fantástica: a fantasia.

O primeiro desafio quando pretendemos traçar as origens de uma das muitas categorias ou subcategorias do que atualmente a crítica tem chamado de Insólito Ficcional é justamente definir tais categorias, no caso, a fantasia. Isso acontece em parte pelo caráter intrinsecamente cambiante da literatura e das transformações sofridas pelas nomenclaturas ao longo das últimas décadas. Indo direto ao ponto, é sempre importante ter em mente que o que hoje se entende por fantasia nem sempre foi assim chamado.

Mas, afinal, o que é a fantasia?

Para responder a esta pergunta, é preciso recuar um pouco e entender este conceito maior: o Insólito Ficcional, muitas vezes também chamado simplesmente de literatura

fantástica, cuja definição não é tão simples, mas grosso modo é qualquer literatura não realista e não mimética, na qual um elemento insólito (ou fantástico, ou absurdo, ou estranho, ou maravilhoso, ou horrível, ou sobrenatural, etc.) se manifesta. A natureza deste elemento em relação ao leitor e às personagens, isto é, a forma como desperta sensações e emoções em qualquer sujeito envolvido, seja real ou fictício, definem suas diversas categorias (modalidades ou divisões, como a própria fantasia). Ou seja, um elemento que causa medo pode indicar um texto de horror; algo que suscita estranhamento pode indicar uma obra “absurda”, e assim por diante. A sensação de maravilhamento, o famoso *sense of wonder*, é o indicativo do maravilhoso, que é uma vertente do insólito aparentada à Fantasia (ao menos, a parte dela, já que a Fantasia está em constante expansão e transformação, como veremos, e é comumente dividida em subcategorias).

A fantasia, portanto, em sua origem, parece se confundir, ou derivar do maravilhoso (para a maior parte da crítica anglófona, aliás, estas duas categorias são a mesma coisa), isto é, narrativas permeadas por interferências mágico-sobrenaturais aceitas pelas personagens

“Há quem identifique o surgimento da Fantasia nos remotos relatos mitológicos, como a *Odisseia*, de Homero, ou as sagas nórdicas.”



Divulgação

John Ronald Reuel Tolkien, ou simplesmente J. R. R. Tolkien, criou obras grandiosas como *O senhor dos anéis*, *O hobbit* e *O silmarillion*, livros que ainda hoje servem como fonte de inspiração para outros autores de fantasia.

como parte intrínseca do mundo retratado, sem hesitações. Os contos de fadas são exemplos canônicos do maravilhoso, já que retratam seres humanos em contato direto com o fantástico sem que isso lhes cause qualquer estranhamento. Tais histórias, por sua vez, derivam de narrativas folclóricas (como os próprios contos de fadas), mitológicas, utópicas ou de cunho mágico-religioso.

A noção mais básica que temos da fantasia em muito se aproxima disso: uma obra artística narrativa dedicada, sobretudo, a enredos passados em lugares imaginários (em diferentes escalas, desde castelos, vilas, reinos, países, mundos ou mesmo universos), cujas leis diferem das que regem o mundo dito “real” em, ao menos, uma instância, seja física, metafísica, religiosa, biológica, etc. Por isso, na maioria das vezes e, sobretudo em suas primeiras manifestações a fantasia retrata lugares utópicos, como a Terra de Oz, de L. Frank Baum (1856-1919), e a Terra do Nunca, de James M. Barrie (1860-1937), depois a Nárnia, de C. S. Lewis (1898-1963) e, mais recentemente, a Hogwarts de J. K. Rowling, mas isso vale apenas para certa vertente. Obviamente, a ideia de utopia não dá conta de qualquer universo ficcional. A Westeros de George R. R. Martin, pode ser tudo, menos uma utopia, para citar um exemplo, sem, contudo, deixar de ser uma fantasia. Assim entramos na questão de que há “divisões” dentro da própria ideia de fantasia.

Os tipos de fantasia e suas origens

É comum ver atribuído a J. R. R. Tolkien (1892-1973), o célebre autor de *O senhor dos anéis*, *O hobbit* e *O sillmarillion* (todos eles obras de fantasia), a criação deste tipo de literatura, o que não é exatamente verdade, embora seja inegável seu papel definidor para os

atuais parâmetros do que se convencionou chamar de alta fantasia (como veremos a seguir), assim como sua confessa influência sobre os autores que o seguiram, como os americanos Raymond E. Feist, autor de imensa saga passada no mundo ficcional Midkemia, e Terry Brooks, autor da saga *Shannara*, por exemplo, ou mesmo o próprio George R. R. Martin e suas complexas *Crônicas de gelo e fogo*.

Há quem identifique o surgimento da fantasia nos remotos relatos mitológicos, como a *Odisseia*, de Homero, ou as sagas nórdicas. Outros ainda, a identificam nas novelas de cavalaria dos ciclos arturianos. No entanto, apesar da evidente presença destas narrativas em muitas fantasias modernas e contemporâneas, o que hoje é chamado de fantasia apenas se definiu como vertente literária autônoma, com características definidas, no século XIX (interpretado sob o olhar do século XX, é preciso dizer), quando se estruturaram, aliás, praticamente todas as vertentes do Insólito Ficcional.

Muitos consideram o escocês George MacDonald (1824-1905) e o artista pré-rafaelita britânico William Morris (1834-1896), os “pais” ou “fundadores” da Fantasia, graças às diversas obras sobre reinos mágicos, como o livro *A princesa e o goblin*, de 1872, escrito por MacDonald, e ao romance *O bosque além do mundo*, de 1892, de Morris, que de fato são as primeiras a trazerem várias das características consideradas essenciais a este tipo de história. Depois deles, vários autores se dedicaram à fantasia, como os já citados L. Frank Baum e sua série de livros passadas na Maravilhosa Terra de Oz e demais terras fééricas, James M. Barrie e as histórias de Peter Pan e Wendy, C. S. Lewis e *As crônicas de Nárnia* e o próprio Tolkien e sua incrível Terra-Média.

No entanto, com o passar do tempo, a fantasia começou a se expandir e a se diversificar, dividindo-se em várias subcategorias. Há quem identifique, atualmente, mais de 20 definições, sendo que muitas delas se confundem com o sobrenatural, o maravilhoso, o absurdo, o realismo mágico e também com categorias tradicionalmente vinculadas à ficção científica, como o *steampunk*. Dentre este imenso rol, as categorias mais canônicas são: 1) a fantasia épica (ou alta fantasia), que se dedica à criação de mundos totalmente independentes do nosso, com regras próprias, mas evocando, ao mesmo tempo, aspectos medievalizantes de nossa realidade, como códigos de cavalaria; não raro, é possível descrevê-los a partir da clássica *Jornada do herói*, descrita por Joseph Campbell, e de ideais utópicos; 2) a fantasia urbana, que, por sua vez, descreve cenários mais ou menos contemporâneos ao século XX e XXI e misturam tecnologia, arquitetura e aspectos da cultura *pop* com magia, criando novos mundos ou espaços mágicos dentro dos nossos (realidades paralelas). A maior parte das grandes sagas da atualidade se enquadra nesta classificação, como *Harry Potter*, de J. K. Rowling, ou *Percy Jackson*, de Rick Riordan, e também a maior parte dos livros de Neil Gaiman; 3) a fantasia sombria (Dark Fantasy), por fim, costuma trazer tramas psicológicas mais trabalhadas, menos maniqueístas e muito menos utópicas ou cavalheirescas do que a alta fantasia, embora também se passe muitas vezes em mundos medievalizantes; além disso, a dark fantasy costuma estar associada a certa literatura de horror, tudo isso em mundos imaginários, nada convidativos, como os cenários de *As crônicas do gelo e do fogo*, de George Martin, ou de *A companhia negra*, de Glen Cook. Destas três



A *dark fantasy* é um subgênero da literatura de Fantasia e costuma estar associada a histórias de horror, em mundos imaginários, nada convidativos, como os cenários de *As crônicas do gelo e do fogo*, de George R. Martin.

“Atualmente há mais de 20 definições, sendo que muitas delas se confundem com o sobrenatural, o maravilhoso, o absurdo, o realismo mágico e também com categorias tradicionalmente vinculadas à ficção científica.”

vertentes, a fantasia épica encontrou solo extremamente fértil nos países de língua inglesa, enquanto no Brasil, a que mais floresceu foi sem dúvida a fantasia urbana, talvez por ser a que mais se aproxima de outras categorias prolíficas em terras tupiniquins, como o absurdo, o realismo mágico, o sobrenatural, etc., ainda que a épica tenha encontrado expoentes sobretudo na literatura popular nordestina. A dark fantasy pode ser vista em autores contemporâneos, mas ainda foi pouco explorada por aqui.

A presença da Fantasia no Brasil

Uma vez entendido o que é a fantasia, vamos ver quais foram suas primeiras manifestações no Brasil, ou ao menos, quais foram as obras que com ela flertaram ao longo dos séculos XIX e XX, em uma primeira fase de nossa literatura fantástica.

Como a fantasia tem em sua origem o aspecto mágico-religioso comentado anteriormente, no Brasil, algumas de suas primeiras aparições levam a reinterpretções do folclore e dos mitos indígenas (vistos sempre de modo sincrético, é claro), já que as primeiras obras insólitas brasileiras, em geral, confundem-se com a busca de uma identidade

literária nacional. Assim, a Amazônia e o sertão brasileiro vão ser ressignificados, como o fora antes a Europa medieval, na obra de Tolkien, Feist, Brooks, Martin e outros, tomados em seu aspecto místico e misterioso, posto que inexplorados.

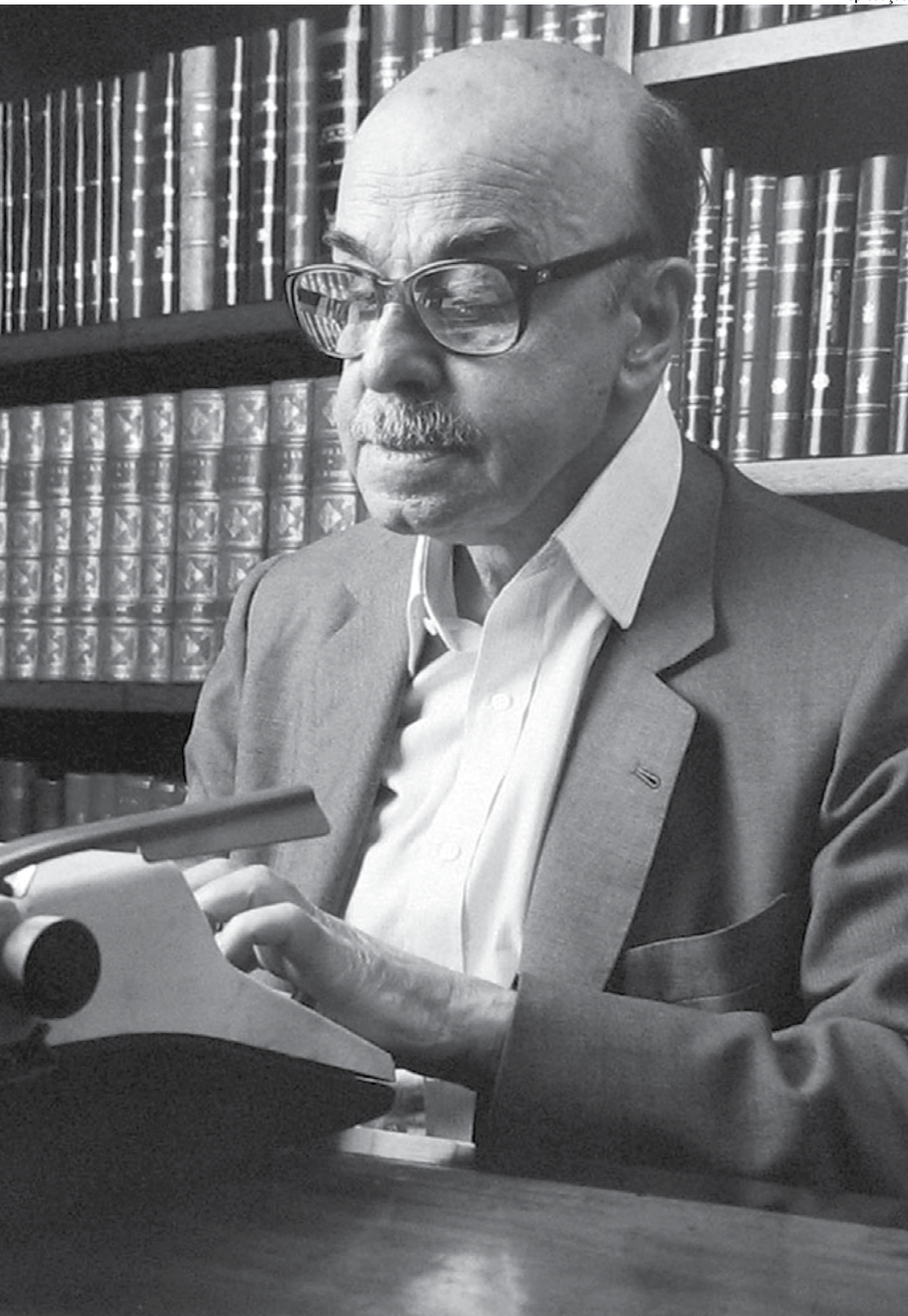
Antes disso, porém, é possível ver, ainda no século XIX, manifestações pontuais de obras que flertam com a fantasia, como o conto “As bruxas”, de Fagundes Varela (1841-1875), no qual marinhos são encantados por bruxas montadas em vassouras que, transformadas em belas mulheres, seduzem-nos e os levam a mundos estranhos. Trata-se de um conto breve e anterior à ideia de fantasia propriamente dita, mas que já traz muitas de suas características essenciais.

Mas o século XIX, no Brasil, não rendeu muito à fantasia. Vários outros autores do período dedicaram-se ao fantástico, contudo, poucos chegaram a criar histórias que possam ser identificadas como fantasia, à exceção da obra *A rainha do Ignoto*, de Emília Freitas (1855-1908), publicada em 1889, cujo enredo gira em torno de uma civilização utópica feminista no litoral do Ceará, na Ilha do Nevoeiro, isolada do resto do mundo pelos poderes psíquicos de sua rainha. Obra que inaugura uma vertente

de narrativa que flerta com a fantasia, muitíssimo difundida na nossa literatura: as histórias de cidades utópicas perdidas no Norte brasileiro. Além do livro de Emília, encontramos nesta vertente: *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls (1888-1952), *A cidade perdida* (1948), de Jeronymo Monteiro (1908-1970), *A república 300* (1948), republicada como *A filha do inca*, de Menotti del Picchia (1892-1988), embora os três estejam mais próximos da ficção científica do que da fantasia propriamente dita. Destes, o que mais se aproxima da fantasia é o livro de Picchia, no qual cria uma civilização utópica superdesenvolvida fundada por descendentes do povo de Creta no interior do Brasil.

Outra das primeiras manifestações da fantasia no Brasil, e, desta vez, já em moldes mais próximos de obras atualmente assim identificadas, é a extensa coleção de livros infantis de Monteiro Lobato (1882-1948) dedicadas ao universo ficcional do Sítio do Pica-Pau Amarelo, publicadas entre 1921 e 1947. O sítio em si já é um local imaginário, habitado por seres fantásticos, como o Visconde de Sabugosa (um boneco de sabugo de milho que ganha vida), Emília (uma boneca de pano falante) e muitos





O mineiro Murilo Rubião, autor de obra enxuta, foi o primeiro contista moderno da incipiente literatura fantástica brasileira.

animais antropomorfizados, sendo frequentemente visitado por figuras folclóricas e mitológicas. Nestas histórias, humanos interagem com tais seres e visitam países feéricos, onde a magia se faz presente o tempo todo, sem que, no entanto, seja questionada sua existência.

Mais ou menos na mesma época, mais precisamente em 1928, Mário de Andrade (1893-1945), um dos mais importantes autores do modernismo brasileiro, publica *Macunaíma*, uma obra que talvez pudesse ser descrita como uma fantasia paródica, como Terry Pratchett (1948-2015) viria a fazer anos depois com sua saga “Disc World”. Em *Macunaíma*, o herói-título se encontra com seres folclóricos como o Curupira e Ci, a Mãe do Mato, e passeia por um Brasil fictício, povoado por seres fantásticos, dos quais precisa fugir, na maioria das vezes, para preservar seu precioso amuleto, o *muiraquitã*.

Ainda a respeito deste viés nacionalista, o pesquisador Roberto Causo, em seu livro *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil — 1875 a 1950* (que, aliás, me possibilitou descobrir algumas das obras citadas aqui), menciona que a Fantasia Épica encontrou formas originais no Nordeste brasileiro, ora assumindo forma de cordel, ora servindo de base para grandes sagas como *O romance d’a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), de Ariano Suassuna (1927-2014), baseado no mito sebastianista português, para criar um reino mítico nordestino, aos moldes das lendas arturianas. Segundo Causo, alguns dos cordéis mais importantes que podem ser relacionais à fantasia épica, são: *O*

romance da princesa do reino do mar sem fim, publicado originalmente em 1979, de Severino Borges Silva, no qual uma princesa, raptada por um bruxo, é salva pelo príncipe Adriano, que, no percurso, enfrenta gigantes e outros desafios, e *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora* (1979), de Bráulio Tavares, autor consagrado, sobretudo, por seus textos de ficção científica.

Outro tipo de literatura que frequentemente flertou com a fantasia foi aquela voltada ao público infantil ou juvenil. Campo, aliás, onde mais floresceu. Por ser muito prolifera, às vezes torna-se difícil fazer um mapeamento de toda sua produção, assim como se torna um desafio classificá-la, já que muitas vezes flertam com mais de uma vertente. No entanto, vale mencionar uma obra que marcou gerações por ter sido muito utilizada como livro paradidático: *O caso da borboleta Atíria*, de Lúcia Machado de Almeida, de 1975, publicada na célebre coleção Vaga-Lume, da editora Ática. O livro conta a história de um mundo utópico povoado por borboletas antropomorfizadas, aproximando-se da fábula. No entanto, traz ideais típicos de um mundo de fantasia, como a presença de um príncipe e de um vilão terrível que desestabiliza a vida pacata das borboletas e coloca Atíria, uma borboleta, cuja asa má formada impossibilita voos de grande distância, na qualidade de heroína que precisa desvendar o mistério dos desaparecimentos de suas companheiras e trazer de volta a paz a seu mundo, em um movimento próximo ao da Jornada do Herói, de Campbell.

“Outro tipo de literatura que frequentemente flertou com a fantasia foi aquela voltada ao público infantil ou juvenil. Campo, aliás, onde mais floresceu.”



Divulgação

O artista britânico William Morris (1834-1896) é considerado um precursor da Fantasia. Seus livros teriam influenciado escritores de sucesso como C. S. Lewis, autor de *As crônicas de Nárnia*.

Por fim, para encerrar esta primeira fase da presença da fantasia em nossa literatura, é inevitável se voltar àqueles que talvez sejam os maiores autores de ficção insólita da literatura brasileira: Murilo Rubião (1916-1991) e José J. Veiga (1915-1999), dos quais tive a oportunidade de falar em meu ensaio na revista *Bang!*

Tradicionalmente, tanto Rubião quanto Veiga são classificados como autores do chamado realismo mágico, por trabalharem com o improvável mesclado a elementos do cotidiano, sem que haja estranhamento das personagens que agem segundo uma lógica própria. No entanto, é possível aproximar esta vertente à fantasia urbana, como se disse anteriormente. Rubião, por exemplo, traz para a realidade brasileira dragões e metamorfos (seres bem frequentes nas diversas variantes da fantasia), incorporando-os ao cotidiano de forma natural, em dois de seus contos mais famosos: “Dragões” e “Teleco, o coelhinho”. O primeiro é a história de um vilarejo, de repente visitado por várias dessas criaturas. Ao contrário do que se poderia esperar, os habitantes do local não sentem medo nem parecem ter qualquer preocupação em relação à própria segurança, mas, ao contrário, cria-se uma grande polêmica na cidade sobre o que se fazer com os animais e aparente necessidade de educá-los. Já em “Teleco, o coelhinho”, lemos a história de um coelho metamorfo, cuja capacidade de assumir a forma de outros animais de acordo com seu estado de espírito desestabiliza a vida de seu amigo, o narrador, com quem mora. A instabilidade, no entanto, que as figuras fantásticas

dos dois contos causam em suas respectivas histórias é apenas por questões humanas, já que o insólito em si é aceito sem problemas. J. J. Veiga, por sua vez, seguirá caminho semelhante em várias de suas obras, dentre as quais se destaca o romance *Sombras de reis barbudos*, no qual um menino vê sua cidade se transformar em uma espécie de labirinto, no qual, pouco a pouco, situações insólitas começam a acontecer, a princípio apenas estranhas, mas ao final realmente mágicas, como quando a população local começa a aprender a voar, sem maiores explicações.

Todas essas manifestações que se aproximam ou se assemelham ao que hoje se convencionou a chamar de fantasia, todavia, são anteriores a Tolkien e à sistematização e difusão do gênero, de modo que é apenas a partir da década de 1990, que, de fato, surgirão obras de legítima fantasia (e com isso quero dizer, obras escritas com a intenção de se inserirem nesta tradição, segundo nomenclatura atual), na literatura brasileira.

Tolkien e os novos paradigmas

Como se disse, a fantasia herdou de Tolkien, que já o herdara de Baum, Barrie, Morris e MacDonald, a construção de mundos imaginários complexos, cuja história é contada a partir do ponto de vista de um herói, aparentemente, sem nada de extraordinário, mas que acabará por se provar em meio a uma grande aventura. Esse modelo acaba por se sistematizar a partir de Tolkien e a ser repetido em sistemas muito semelhantes, como nas já mencionadas séries de Raymond E. Feist e Terry Brooks. Outro bom exemplo é a série *Star Wars*, que

apesar de ser uma ficção científica, mais especificamente uma *space Opera*, aproxima-se da fantasia ao trazer códigos de conduta heroicos, herdados da cavalaria medieval europeia, além de contar com a presença de lugares imaginários e de magia. Não é por menos que George Lucas, o criador da saga, declare abertamente ter sido Tolkien uma de suas inspirações, como, aliás, ocorre com grande parte da fantasia moderna, seja por emulação, inspiração ou mesmo oposição. Tolkien se tornou um paradigma, impossível de ser ignorado nos estudos acerca da fantasia.

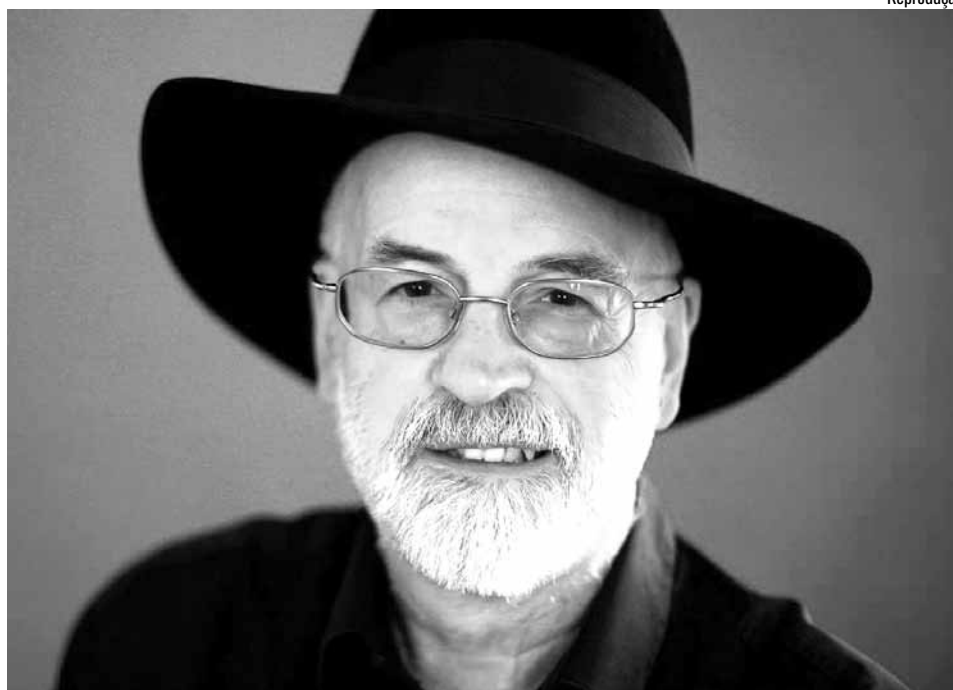
Obviamente, também no Brasil ele deixou seu legado, apesar de ter demorado mais tempo para se manifestar; enquanto nos países anglófonos, já na década de 1970 surgiam textos inspirados pelo professor, no Brasil foi apenas a partir dos anos 1990 que tal tipo de literatura pode ser observada. A este respeito, outra vez, recorro a Causo, que cita Luis Roberto Mee e Fábio Rezende como os primeiros a criarem romances de alta fantasia, da forma como hoje é entendida. Mee escreveu a série infanto-juvenil *A saga real de Selladur*, cujo primeiro número saiu em 1994, pela Editora 34, contando a história do Reino Selladur, habitado por nobres, cavaleiros e magos, onde o Sol brilha 24 horas, motivo pelo qual todos os heróis locais são convocados para a grande missão de resgatar a noite. Por sua vez, Fábio Rezende, em *A recompensa dos guerreiros*, de 2001, publicado pela editora Record, narra a história de uma guerra entre dois reinos vizinhos habitados por humanos e seres mágicos. Além disso, Causo cita também que

nos anos 1990 houve muitas histórias tolkienianas derivadas de RPGs.

A partir dos anos 2000, a fantasia de fato se difundiu no Brasil e então surgiram diversos autores e obras importantes, sobretudo, voltadas à fantasia épica e à fantasia urbana. No primeiro grupo, é possível encontrar obras de Raphael Draccon, Affonso Solano, Leandro Reis e Thiago Tizzot. Enquanto no segundo, encontram-se livros de Eric Novello, Felipe Castilho, Giulia Moon, Jim Anotsu, Eduardo Spohr e Carolina Munhoz, para citar apenas alguns, já que o grupo é muito grande. Mas para falar de todos eles, já seria necessário outro texto, então deixo apenas a dica aos leitores que desejam conhecê-los. ■

 **Bruno Anselmi Matangrano** é pesquisador, escritor, tradutor e editor. Bacharel em Letras (português e francês) e mestre em Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente faz doutorado na mesma instituição, dedicando suas pesquisas às literaturas simbolista e fantástica, escritas em português e em francês. Possui traduções, contos e artigos publicados e é autor do livro *Contos para uma noite fria*, no qual também flerta com a fantasia urbana. Vive em São Paulo (SP).

Reprodução



Terry Pratchett (1948-2015) fazia uma espécie de fantasia com humor, ou fantasia paródica, em que brincava com os arquétipos e clichês do gênero.

E a literatura fantástica no Brasil?

O editor e escritor **Thiago Tizzot** analisa a trajetória do gênero no país, seus autores, editoras e público

Divulgação



Presente em mais de 20 países, a *Comic Con Experience* é o maior evento nerd do mundo. No Brasil, foram realizadas duas edições.

Hoje parece estranho contar para alguém que há alguns anos encontrar um bom livro de literatura fantástica era uma tarefa tão difícil quanto derrotar um dragão ou todo um império. É mais ou menos como explicar à minha filha que, antes, para acessar a internet, era preciso discar determinado número no telefone, e não o celular. “Ah vá, pai”, é o que ela me responde e compreendo que seja o que um leitor novo de fantasia responderia também se eu dissesse que, naquele tempo, se você já tivesse lido *O senhor dos anéis*, *Harry Potter* e não soubesse inglês, não restariam tantas opções assim para sua próxima leitura.

Escrever era uma tarefa complicada também, poucas editoras abriam espaço para um romance fantástico. Assim como era difícil convencer as livrarias de que literatura fantástica não era apenas coisa de adolescente. Pode parecer um texto rabugento, talvez seja, mas era como as coisas funcionavam. Existiam sim projetos, produção e boas iniciativas, mas em um mundo bem menos conectado do que o de hoje era difícil saber o que estava acontecendo.

É impossível dizer quando ocorreu a mudança, o momento exato que a literatura fantástica passou de ignorada para uma das mais rentáveis do mercado atual. O sucesso de *Harry Potter* talvez tenha sido o primeiro sinal do que a literatura fantástica realmente poderia ser. Porém foi preciso a força do cinema e um fenômeno que extrapolou a literatura — o “ser nerd é legal” — para que a literatura fantástica ganhasse espaço de fato. Um bom exemplo é o George R.R. Martin e seu *Crônicas de gelo e fogo*.

O livro foi publicado em 1996 e era um grande sucesso de vendas e público, porém aqui permanecia praticamente desconhecido. Veio a série de TV, os livros venderam absurdamente e qualquer coisa que tivesse o nome do escritor americano na capa atraía a atenção do público.

Hoje o mercado oferece inúmeros títulos, séries, autores e até guias que explicam os universos fantásticos que aparecem nos livros. Autores importantes como Asimov, LeGuin, Pratchett, Moorcock, antes esquecidos, agora recebem edições caprichadas. A oferta é farta e de qualidade.

Mas como ficam os autores nacionais que ainda não têm o apoio de adaptações cinematográficas ou para a TV? O caminho é mais tortuoso, escuragadio, mas eles estão chegando lá e conquistando seu espaço. Hoje quase todas as grandes editoras tem um selo dedicado ao fantástico, selos especializados cresceram e se tornaram protagonistas do mercado. Já os autores brasileiros são responsáveis por intermináveis filas em bienais e eventos literários.

O fato interessante é que apesar de todo o interesse e números incríveis, tanto de vendas quanto de leitores, o mercado brasileiro sempre foi cauteloso com apostas nacionais. Eduardo Spohr é o grande nome, depois de quatro livros, angariou uma legião de fãs. Seus romances sempre estão entre os mais vendidos. Mas é um dos poucos, pois a grande maioria dos lançamentos e apostas das editoras são de autores estrangeiros, que já chegam com a segurança de números de vendas expressivos no exterior.

E entramos em uma questão que não é exclusiva da literatura fantástica,

a aposta e construção de novos autores pelas editoras brasileiras. Hoje as grandes editoras, que têm a possibilidade de conquistar espaço em livrarias e na mídia, preferem esperar os autores que ganham projeção em pequenos selos ou na imprensa para então contratá-los. São poucos os nomes que surgem como novidade nas grandes casas editoriais. Normalmente, o autor já tem um trabalho e uma jornada percorrida. No caso de Spohr, foi um site que divulgou sua obra e o ajudou a chegar em um grande grupo editorial.

Para a literatura fantástica, a situação se complica um pouco mais porque não estamos falando de apostar em um autor, mas na construção de um gênero que até pouco tempo atrás praticamente não existia para o grande público. Inevitavelmente é necessário um período de aprendizagem por parte dos leitores, editoras e também dos autores. Este momento passou, todos tiveram tempo para traçar seus planos e aprender com seus erros. Alguns desistiram, outros evoluíram e começam a mudar o mercado.

A Bienal do Rio de 2013 foi o ponto de virada definitivo, a literatura fantástica foi uma das protagonistas e a partir daquele momento as editoras decidiram que precisavam tomar uma atitude. Selos foram criados, livros comprados e muitas traduções apareceram. Hoje a oferta de bons títulos de literatura fantástica é enorme. Eventos como a Comic Con Experience, em São Paulo, reúnem um número incrível de pessoas e é cada vez mais frequente a visita de escritores estrangeiros por aqui.

Depois de anos de extrema dificuldade, tudo indica que a vez da litera-

tura fantástica chegou. Então este não é um texto rabugento, mas de esperança. Nunca as coisas foram tão boas como agora, e o futuro parece incrivelmente promissor. Ainda é preciso andar uma boa parte do caminho, estamos longe do ideal, mas a cada ano chegamos mais perto. Os leitores estão lá, os livros não param de chegar e as editoras parecem comprometidas a continuar trabalhando com o fantástico. Então, o que falta?

O autor nacional. Ele está presente nas editoras menores, entre os leitores mais informados, mas ainda não chegou ao grande público. Com algumas exceções, que aumentam a cada ano, os autores e autoras brasileiros ainda permanecem desconhecidos. Não sei se pode se falar em culpa, mas as razões para tal situação passam pelas editoras, pelos leitores e pelos autores. As editoras ainda precisam compreender que, com apenas um livro, não se pode saber se determinado autor dará certo ou não. É preciso um trabalho de construção e um pouco de insistência para que se crie uma base de leitores. Apesar de ter diminuído bastante nos últimos anos, ainda existe preconceito com autores nacionais de literatura fantástica. E os autores precisam entender que se você escreve e quer que seus livros sejam publicados, vendidos e lidos, você está dentro do mercado. E para entrar e conquistar seu espaço, é necessário conhecer como ele funciona, quem são seus leitores e o que fazer para suas histórias chegarem até eles. Ou seja, ainda precisamos amadurecer como editores, leitores e escritores, algo que vem com o tempo e a experiência.

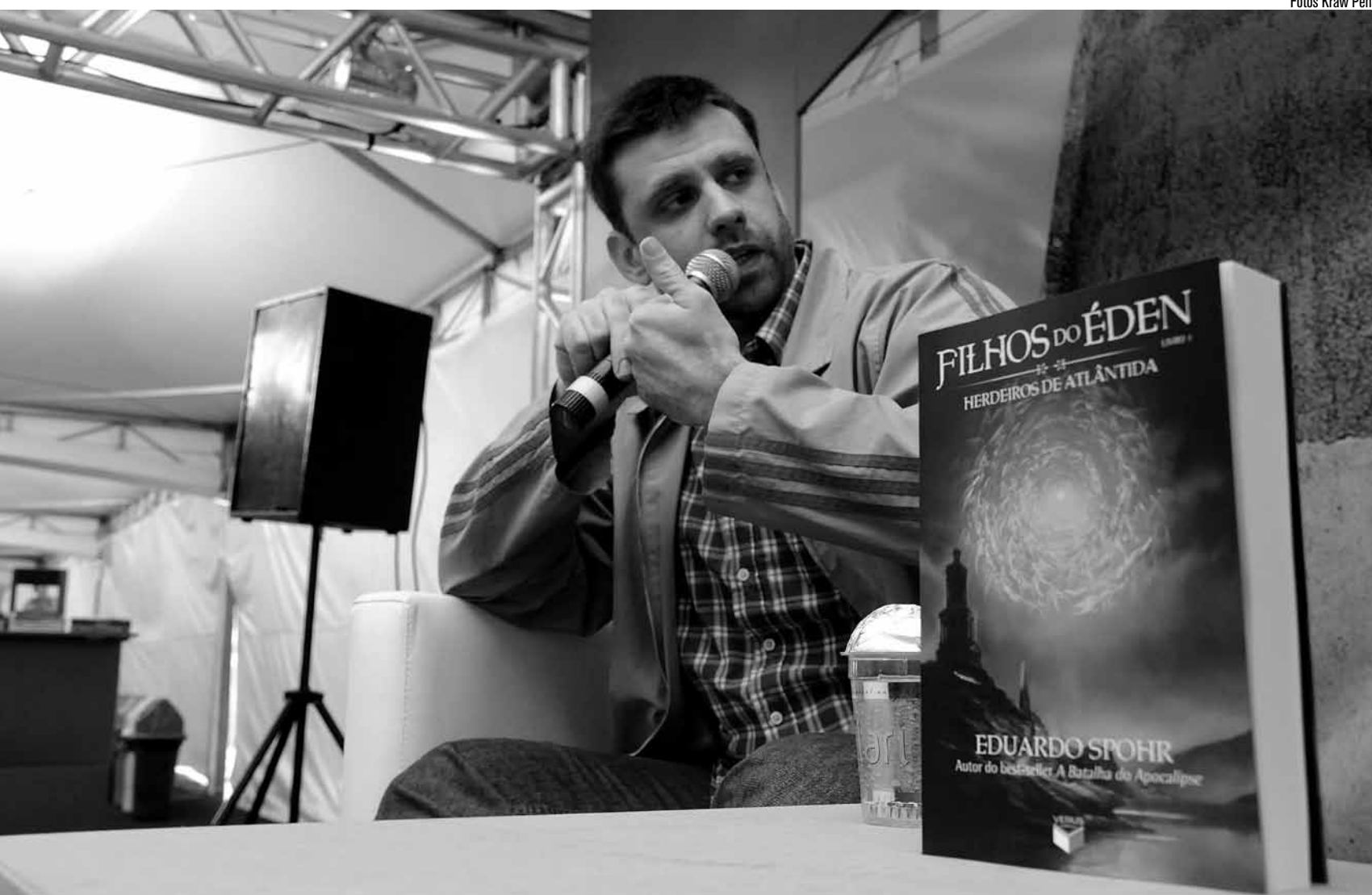
Então a literatura fantástica no Brasil vai muito bem, mas queremos mais. ■

Os fiéis da balança

Também definida como literatura de entretenimento, a fantasia faz sucesso, entre outros motivos, por causa do entusiasmo de leitores e leitoras — tese defendida por livreiros, editores e Eduardo Spohr, autor que vendeu mais de 700 mil exemplares

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Fotos Kraw Penas



Eduardo Spohr afirma que a fantasia está dentro de um escopo maior, que é a literatura popular, de entretenimento.

“Antes [da internet], a divulgação de um livro dependia de jornais e revistas impressos. Com a internet, qualquer leitor pode emitir a sua opinião. As redes sociais, então, tendem a proporcionar ainda mais visibilidade para uma obra.”

Eduardo Spohr, escritor.

A popularização da internet, a partir da segunda metade da década de 1990, representa um marco para a literatura de fantasia no Brasil. Quem afirma é Eduardo Spohr, 39 anos, um dos destaques do segmento no país. “Mas eu acho que a fantasia está dentro de um escopo maior, que é a literatura popular, a literatura de entretenimento”, completa.

“Antes [da internet], a divulgação de um livro dependia de jornais e revistas impressos. Com a internet, qualquer leitor pode emitir a sua opinião. As redes sociais, então, tendem a proporcionar ainda mais visibilidade para uma obra”, diz Spohr, defensor da tese de que, no Brasil, a literatura de fantasia é impulsionada pelos leitores, “e não pelos escritores”.

A Verus Editora informa que *A batalha do apocalipse*, *Filhos do Éden — Herdeiros de Atlântica* e *Filhos do Éden — Anjos da morte* ultrapassam, juntos, a marca dos 700 mil exemplares vendidos. Já *Filhos do Éden — Paraíso perdido*, a obra mais recente de Spohr, está na lista dos títulos mais vendidos no Brasil desde o lançamento, dia 31 de outubro do ano passado — foram comercializados 20 mil exemplares até o final de dezembro de 2015.

A curiosidade dos leitores

De acordo com Spohr, a literatura de fantasia é atraente, entre outros motivos, pelo fato de apresentar ao leitor, além do enredo, elementos da mitologia, da filosofia, da história e de outros campos do conhecimento humano. “A literatura de fantasia tem essa liberdade: não está diretamente falando da realidade, mas usa elementos reais. A ficção científica e a fantasia são metáforas do mundo real. E as pessoas buscam isso, esse espelho da realidade. Na fantasia, posso fazer crítica social sem ‘apontar o dedo’”, afirma Spohr.

O diretor comercial do grupo Livrarias Curitiba, Marcos Pedri, diz que é possível entender o motivo do interesse do público pela literatura de fantasia. “Acredito que o interesse deve-se ao fato de que as obras são muito bem escritas, com ótimas narrativas, enredos bem entrelaçados, personagens bem construídos e com aspectos bem definidos. O mix desses fatos gera uma boa trama, que prende a atenção do leitor do início ao fim da obra”, afirma.

Entre os títulos de fantasia mais vendidos nas, atualmente, 24 lojas da empresa, presentes no Paraná, em Santa Catarina e em São Paulo, Pedri

destaca a coleção *Harry Potter*, de J.K. Rowling, *O senhor dos anéis* e *O hobbit*, de J.R.R. Tolkien e *A guerra dos tronos*, de George R.R. Martin. O diretor comercial da Livrarias Curitiba ainda observa que, no que diz respeito a vendas, não há detalhamento específico a respeito do gênero fantasia. Na empresa, fantasia está inserida na categoria literatura de ficção, responsável por 6% do total das vendas — considerando os dados de 2015, ano em que as vendas atingiram 5,8 milhões de livros, a literatura de ficção movimentou 348 mil livros.

Ondas, fenômenos

A analista comercial da Livraria Cultura Marília Prado comenta que, desde o impacto de *Harry Potter*, no começo do século XXI, surgiram outras “ondas” da literatura de fantasia ou — como prefere Eduardo Spohr — literatura de entretenimento. “*Harry Potter* vendeu bem e os livros da série ainda têm muita procura. Mas a fantasia é ampla, com uma variedade de títulos e autores”, completa, citando *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, como outro exemplo: “Depois do lançamento de *Crepúsculo*, publicado no Brasil em 2008, tinha mais de 10 livros sobre vampiros, todos

com ótima saída. Digo isso para lembrar que, em média, a cada 2,3 anos surge uma nova ‘onda’”.

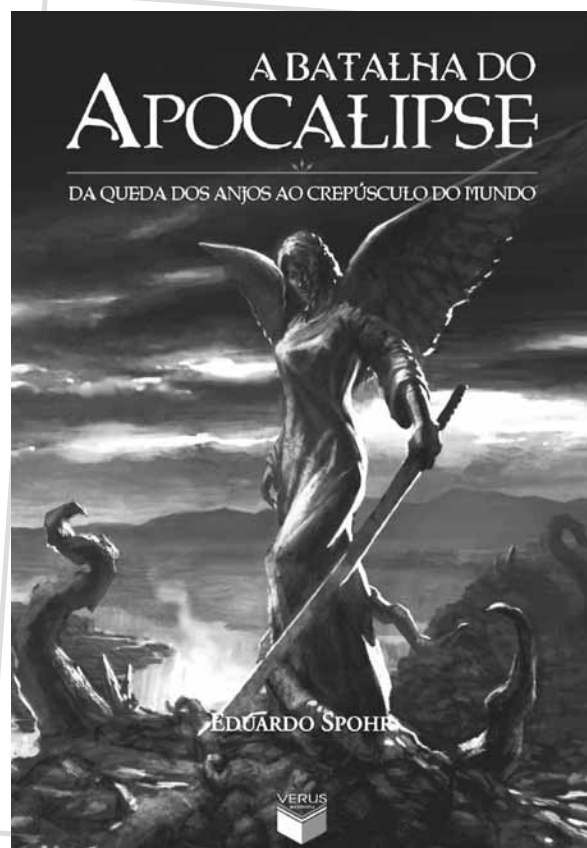
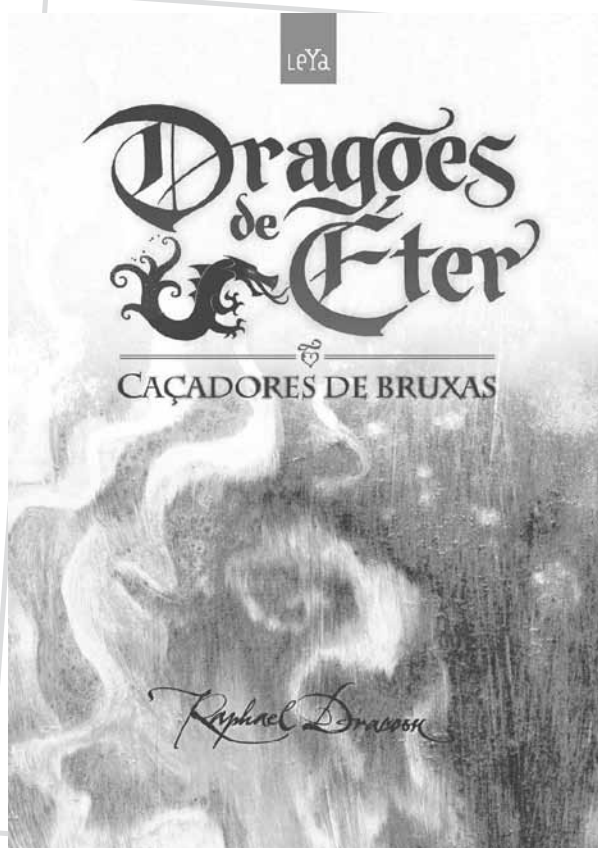
Entre os 500 títulos que a Intrínseca já publicou desde o início de suas atividades, em dezembro de 2003, 15%, ou seja, 75 livros podem, de algum modo, ser classificados como fantasia. De acordo com a editora Danielle Machado, o caso mais bem-sucedido é o de Stephenie Meyer, com *Crepúsculo*. Dialogando com Marília, da Livraria Cultura, Danielle acrescenta que, de fato, o mercado é cíclico e, em cada época, “essa ou aquela temática pode vender mais”.

“Um desses ciclos foi o da fantasia, há alguns anos, e será novamente daqui a algum tempo. Acho que esses ciclos ajudam a formar leitores e auxiliam os leitores a encontrar suas preferências. Quando a onda baixa, as preferências ficam — quem aprendeu a ler fantasia, vai continuar lendo — e isso mantém o segmento girando independentemente das modas”, afirma Danielle, acrescentando que, para ela, a percepção geral é de que os leitores de fantasia costumam ser fiéis ao tema e seus autores, o que ajuda as obras a terem êxito, mesmo que nem sempre se tornem *best-sellers*. ■

ARRASA-QUARTEIRÃO

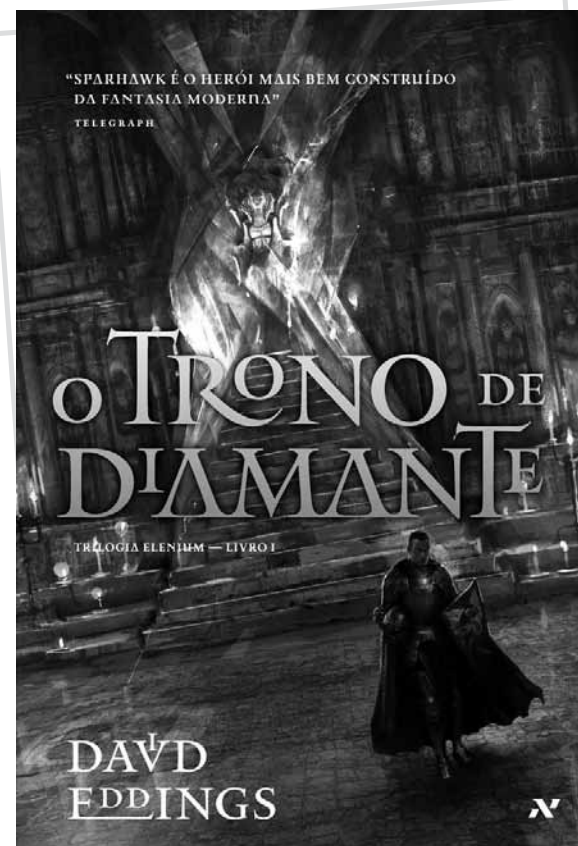
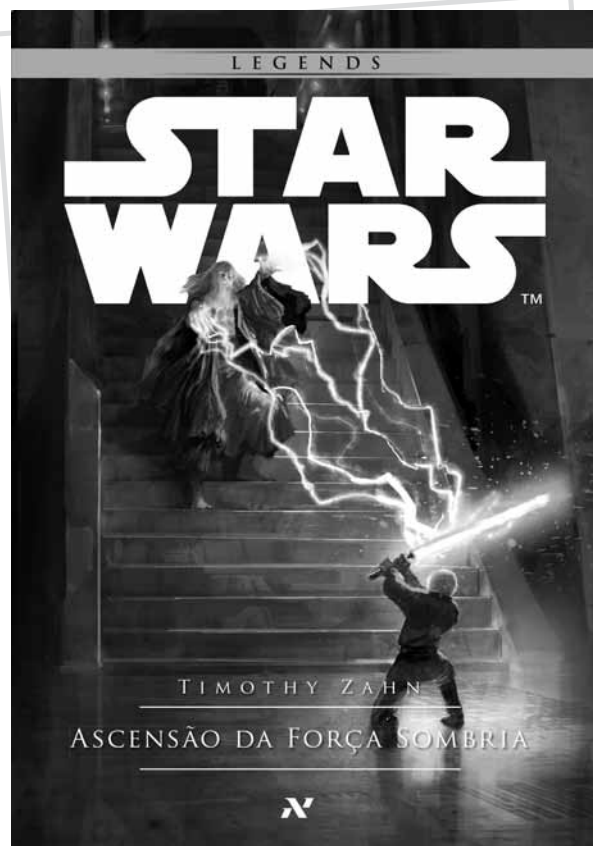
O diretor comercial do grupo Livrarias Curitiba, Marcos Pedri, afirma que há três “nomes fortes” escrevendo fantasia no Brasil: Eduardo Spohr, Raphael Dracon e Affonso Solano. Mas, de acordo com ele, quem mais faz sucesso é Spohr, que ultrapassou a marca de 18 mil unidades comercializadas nas 24 lojas da empresa. “Spohr fez eventos de lançamento em praticamente todas as cidades em que temos lojas e a média é de [no mínimo] 300 pessoas em cada encontro, com grandes filas de clientes leitores”, comenta Pedri.

A coordenadora editorial da Verus Editora, Ana Paula Gomes, observa que, inicialmente, a obra de Eduardo Spohr chamou a atenção do chamado universo “nerd”. “O sucesso do autor começou entre esse público, mas o barulho que veio daí o tornou conhecido e lido também entre jovens que não se identificam como ‘nerds’”, diz a profissional da Verus, atualmente com 350 títulos no catálogo.



EM BUSCA DA FANTASIA

A Editora Aleph, com sede em São Paulo, tem 120 títulos no catálogo, a maior parte de obras de ficção científica, entre as quais *Star Wars*, *ascensão da força sombria*, de Timothy Zahn, e *2001: uma odisseia no espaço*, de Arthur C. Clarke. A empresa publicou apenas um título de fantasia: *O trono de diamante*, de David Eddings. O editor Daniel Lameira afirma que as grandes editoras contratam praticamente todos os autores de fantasia, até mesmo estreantes. "Mas nós pretendemos investir no gênero. Vamos publicar uma obra de fantasia em 2016", diz, sem revelar o título nem o autor.



ENTRE AUTÔMATOS ROBÓTICOS & ESCRAVOS LIBERTOS

Transcrição de entrevista noturna.
30/08/1911

[Voz feminina]

Meu nome é Beatriz de Almeida & Souza e sou filha de escravos. Nasci em 1871, ano em que os infantes negros saíam dos ventres de suas mães com a promessa de liberdade. Entretanto, todos os nascidos a partir daquele ano, sob a égide do Estatuto do Ventre Liberto, cresciam em casarões, fazendas e dormitórios, quando não em imundas senzalas, testemunhando outro tipo de escravidão, tão pior quanto a primeira. Era um cativo de almas, de espíritos, de vidas.

Como libertar crianças que nascem e crescem vendo seus pais presos a correntes e grilhões, trabalhando de sol a sol por um pão amargo e por um vinho avinagrado? Como poderíamos nós crescer como seres humanos em tal ambiente, sob a pena do açoite, senão para nós, então para os nossos?

Meu pai se chamava Antonino. Era um homem alto e de poucas palavras. Trabalhava na lavoura e pouco revelava de si ou de seu passado. Minha mãe, Regina Maria, o mesmo, apesar de

ser mais delicada comigo e com meus irmãos, fazendo o máximo para ensinar a mim e aos meninos, Josué e Daniel, que poderíamos crescer como seres livres e educados.

Era um Brasil diferente, tinha recém-abandonado o império e aquela frouxa monarquia incestuosa e deficiente que caíra depois do levante republicano de 1860. Na época, nosso grande território não servia para mais nada a não ser para exportar às várias nações do mundo produtos naturais, frutos da terra.

E nós, ou nosso serviço, éramos um desses produtos.

Eu e minha família vivíamos na fazenda Velhos Tempos, casarão colonial sob a égide do coronel Aristeu, um dos maiores plantadores de café e cacau das Minas Gerais, que criara, ao sul de Betim, um pequeno império de negros grãos e negras gentes.

Morávamos num pequeno casebre perto da instância geral, espremidos entre infindas plantações e matas nativas, onde passávamos o dia e, às vezes, parte das noites. Eu, como nascera livre, era

usada mais nos serviços da grande casa dos senhores, onde vivia o coronel Aristeu, sua mulher, Matilde, e sua filha doente e acamada, Marieta. Todas as manhãs, eu era a encarregada de levar o café da manhã à pobre adolescente, que nunca iria casar, segundo diziam.

O quarto da senhorinha era escuro e tinha cheiro de doença, pois sua mãe temia que ventos ou ares frios pudessem piorar a condição de sua filha, não suspeitando de que talvez o que faltasse a ela fosse justamente isso: ventos frescos e ares novos, talvez citadinos. Ao redor da cama de doente, pilhas e pilhas de livros que faziam a rotina da moça, que não escrevia nem conversava, só lia.

Quando completei 5 anos, sendo esperta e curiosa como era, e já acostumada a uma vida não de brincadeiras de infância, e sim de trabalho doméstico, perguntei a Marieta o que ela lia nos livros.

Eu leio tantas coisas, disse-me ela, primeiro cansada, depois sorridente, como se minha pergunta fizesse nascer no interior de sua mente uma vontade de conversar ou de se relacionar, algo que nunca tivera. Segundo sua mãe,

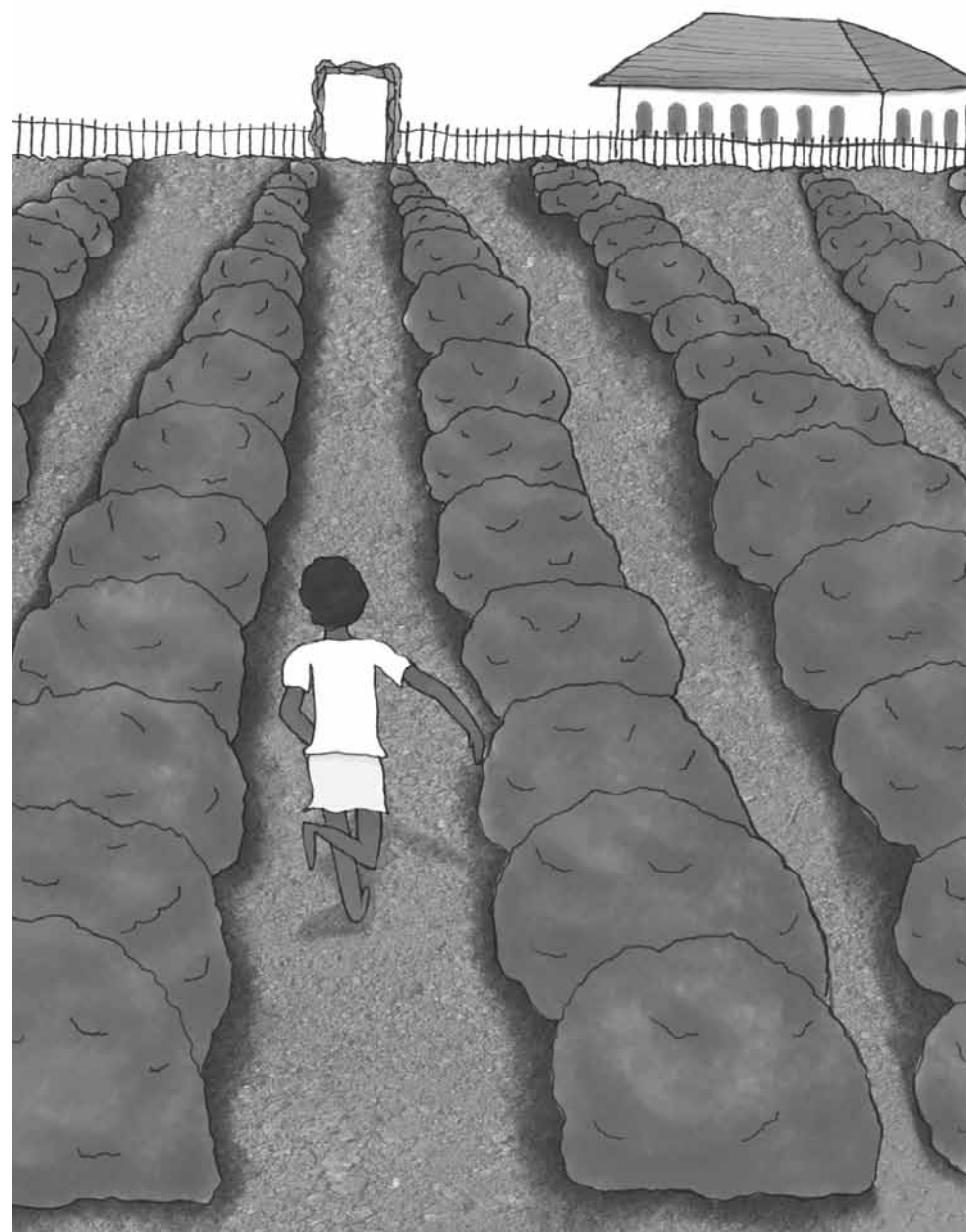
carola devota do Crucificado, falar muito é coisa do diabo e põe a gente doente.

A partir daquela resposta de Matilde, sempre lhe pedia, quando ia entregar o café forte, o leite, o suco e os pães com geleia, um banquete do qual só podia vigiar nunca provar, que me contasse sobre seus livros. Ela me narrava tudo, com a alegria de quem não apenas conta novidades, mas tutela os interessados.

Naqueles encontros matinais, ela falava-me dos livros e das estórias, dos heróis monárquicos que defendiam a honra, das damas que às vezes sofriam de amor e às vezes salvavam seu amado em perigo, das aventuras de piratas, das caçadas de homens brancos África adentro, dos requintes dos palácios europeus, dos castelos mal-assombrados da Itália, e de tantas outras proezas.

Cativada, deitava-lhe o café e ficava lá, escutando e sonhando com tudo aquilo, criando dentro de mim uma disposição nova, num ímpeto de descobertas curiosas e de novos mapas imaginários, aprendendo um mundo

Ilustração Marluce Reque





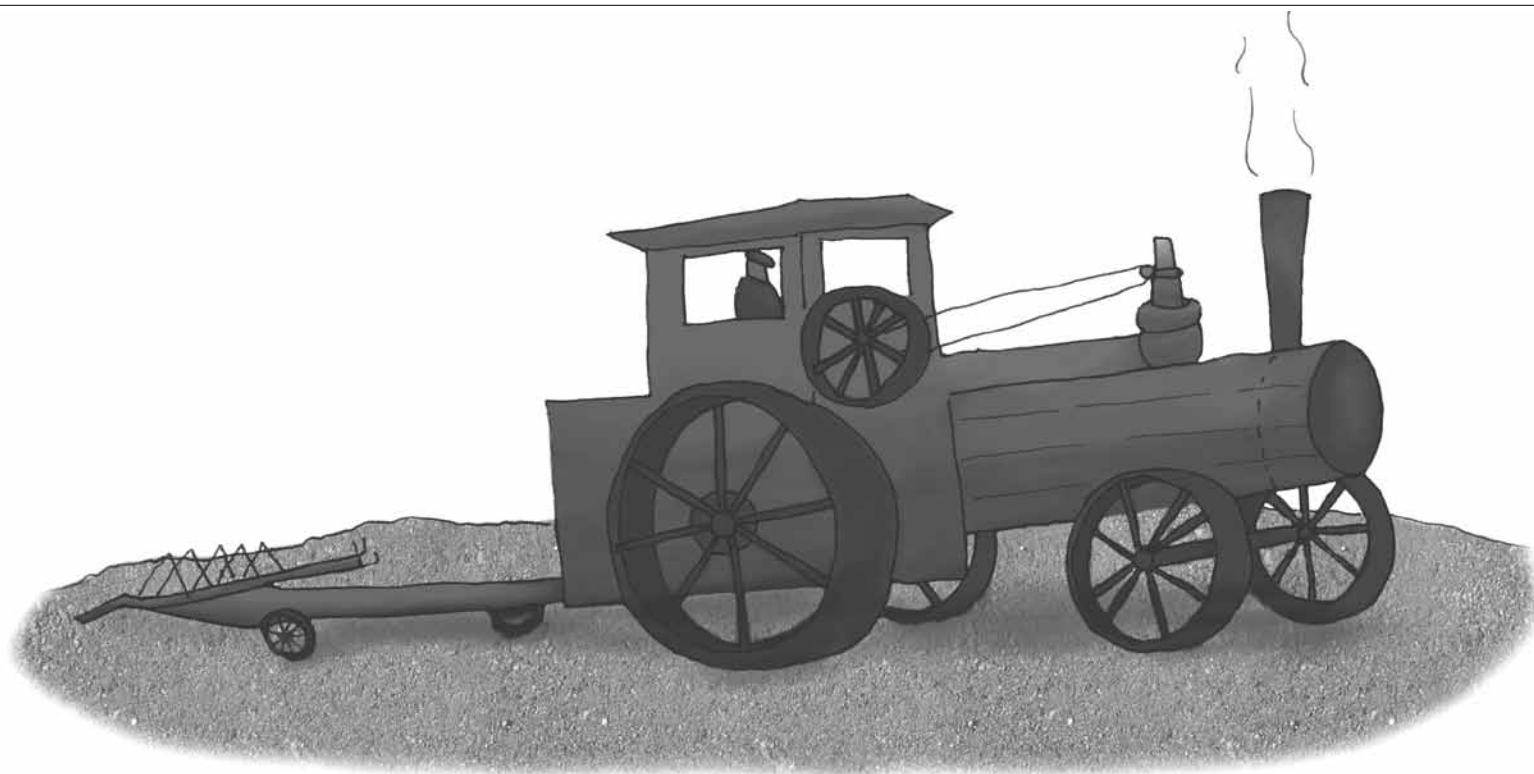
muito maior, mais belo, mais intenso do que minha mente livre poderia vislumbrar. Tudo dali, daquele canto aprisionado de mundo, marcado pelo tempo do plantio e da colheita.

Quando completei meus 6 anos, em 1877, Matilde propôs me ensinar a ler e a escrever, para que fosse capaz de acessar eu mesma todas aquelas invenções. Feliz, fui perguntar a minha mãe se tinha a sua permissão, e tudo que tive foi seu abraço afetuoso: Certas coisas, minha filha, não são pra gente. Isso de ler é coisa de gente rica e branca. Pra gente que nem nós, essas coisas só nos deixam mais tristes, só nos lembram de tudo o que não temos.

Mal pude imaginar na época, criança que era, o quanto minha mãe estava certa. Tal verdade, entretanto, sobre criarem os livros espaços gigantescos e abismos de fome e desejo, marcaria toda a minha vida adulta.

Ignorando seu conselho e curiosa como era, em poucas semanas aprendi as consoantes e as vogais, as sílabas e as pequenas palavras, depois palavras maiores, de grandes significados. Dentro de dois meses, lia frases simples, algumas escritas pela própria Matilde em folhas de papel de carta. Ela mostrou-se uma grande mestre: paciente, atenciosa e apaixonada. Tinha em mim uma filha e uma amizade que nunca teria, entre as grossas paredes do quarto soturno.

Em menos de um ano, eu lia em silêncio e em voz alta qualquer tipo de texto, desde poemas simples até narrativas mais complexas e elaboradas. Depois de um tempo, tornou-se nossa rotina que eu não apenas levasse o café de Matilde como também lesse para minha amiga e professora seus autores prediletos. Às vezes, simplesmente continuava a leitura do romance que ela estava lendo, adentrando em vários mundos pela



porta do meio, sem entender tudo o que estava acontecendo ou tudo o que acontecera até ali. Quando isso ocorria, ela atenciosamente me atualizava no enredo e seus heróis e heroínas.

Mesmo com apenas 6 anos, eu interpretava os papéis, as vozes masculinas e as vozes femininas, como um pequeno assombro infantil. Matilde divertia-se, percebendo o quanto aquelas almas gigantes, mesmo que ficcionais, agigantavam a minha, pobre como era, escrava das circunstâncias.

Foi no ano seguinte, em 13 de maio de 1878, que tudo mudou. Naquele dia histórico para os brasileiros, a Lei Dourada foi assinada pela impetuosa Princesa Isabel, libertando todos os escravos. Os fazendeiros ficaram furiosos, pois perderiam sua força de trabalho e boa parte dos seus bens. Quanto aos favorecidos, também não ficaram satisfeitos, pois tudo o que tinham à frente era

incerteza. E a princesa, que achava ter feito um bem público, foi assassinada no ano seguinte.

Todos sabiam o que estava em jogo em tal mudança, não apenas em nosso país como também em todas as regiões do mundo. Estávamos, ao menos nos continentes civilizados, vivendo a Segunda Revolução Mecânica, com os servos robóticos mostrando-se cada vez mais eficientes e populares.

Eles eram mais baratos do que os escravos; trabalhavam de sol a sol sem precisar de comida, roupa ou abrigo; não tinham ímpetos de revolta ou luta, e nunca, nunca fugiam; por fim, eram mais fortes no trabalho braçal.


Nas capitais, antes mesmo da extinção da escravidão, os homens ricos acharam por bem substituir serviços escravos por robóticos. “Custam o mínimo, são mais bonitos aos olhos e fedem menos”, é o que escutei certa vez de um

grande comerciante que viera de Salvador visitar o coronel Aristeu.

Ademais, os robóticos, por serem frios e insensíveis, é o que pensávamos, aflagavam as consciências pesadas das grandes famílias, pois o livro sagrado do Crucificado falava de escravos libertos, vitórias milagrosas, humildes que seriam recompensados, e toda uma sorte de esperança sórdida que se, por um lado, envergonhava patrões e matronas na missa, por outro enchia os corações ignorantes dos negros da mentira malsã chamada salvação.

Era toda uma revolução que se apresentava diante dos nossos olhos: pouco a pouco, domésticas, cocheiros, alcaides, agricultores e tantas outras profissões foram sendo substituídas por modelos mecânicos de grande potência, inteligência limitada e programação definida.

Era carne negra e indígena dando lugar à lata cinza. ■

 **Enéias Tavares** é professor de Literatura Clássica na Universidade Federal de Santa Maria e diretor do Centro de Pesquisas William Blake. Em 2013 criou o site *Brasiliana Steampunk*, série que reinterpreta os heróis da literatura brasileira numa ambientação retrofuturista. É autor dos livros *As idades do homem na coletânea 40* e *A lição de anatomia do temível Dr. Louison*. Vive em Santa Maria (RS).

DIAS NUBLADOS

Aossada é de uma baleia, disso não há dúvida. A dúvida é como foi parar ali, na Praia Vermelha, sem carne, pele, gordura. Sem o cheiro de morte e a fase de putrefação. Está de lado. A cabeça pontuda parece o arcabouço de um barco, as costelas inclinadas para cima, dentes de uma duna voraz. Ícaro a observa da murada, a uma distância segura, longe dos curiosos. Sente na pele o vento que cansa, o castigo da maresia. Seu passeio pela beira cancelado esta noite.

Desde o convite de Armando para trabalhar no Neon Azul, tira um dia por semana para ver a praia, cruzar a faixa de areia entre a montanha e o clube militar. Respira o aroma da água salgada e do óleo dos barcos, como se dependesse deles para permanecer vivo. Como se o diesel fosse o único combustível a manter funcionais rins, fígado e coração.

Pais seguram os filhos pelas mãos, os erguem no colo. A baleia os fascina e incomoda. Sua própria existência mina a segurança da previsibilidade. Alguns, para entendê-la, a veem como arte. Uma intervenção mesmo que divina. Procuram a placa com o nome do artista, pensam na corda de isolamento como par-

te do pacote. Tem obras assim que são jogadas fora por uma distração da equipe de limpeza. Uma fortuna num dia, no outro já era.

Alguém a colocou ali para obrigá-los a repensar sua interação com a natureza, é o que Ícaro escuta. O planeta está morrendo. Coisa mórbida. Perguntam ao curioso mais próximo as respostas para as próprias curiosidades: nome do artista, nacionalidade, quando chegou e, a mais importante de todas, quando a levarão embora.

O raciocínio apaziguador é interrompido por um guarda bem informado. Simplesmente apareceu ali, trazida pela maré. É essa a explicação. Nada de arte além das paredes do museu. São ossos de baleia, arrastados por correntes do fundo do mar.

E parou assim? Montadinho desse jeito?

O guarda dá de ombros.

Ícaro escuta a conversa de longe, enquanto anda de um lado para o outro do calçadão. Mesmo que todos saibam que a maré nunca chegaria àquela altura sem inundar o estacionamento da praça, que a calmaria do mar da Urca jamais arrastaria ossos daquela manei-

ra, é essa a teoria adotada como oficial. Pouco importa a impossibilidade, e sim a explicação. A culpa da maré acalma a moça que solta o filho no chão. Ufa! Graças à maré o pai afrouxa o aperto na mão do filho e deixa que corra solto pela areia. Famílias se entortam procurando o melhor ângulo para a foto com a baleia.

Vovó vai adorar.

Nada de entrar na água, hein? Vai que ela resolve puxar de volta.

Molhar os pés, uma ameaça mais palpável do que a aparição repentina da ossada. Um perigo com o qual podem lidar sem romper o pacto com a realidade. É só tirar as sandálias, enrolar de leve a bermuda, e o inimigo está vencido. Todos brincam, se divertem.

Vendedores ambulantes agradecem. Um deles brinca que a curiosidade aumenta a fome. Diz isso enquanto destampa o isopor para procurar o picolé de milho verde que um garoto acaba de pedir.

É um espetáculo da natureza, ele fala pegando o troco. Mais um a rir feliz ignorando a sentença de morte.

Quando os carros começam a esvaziar a praça e restam somente os passos

dos soldados que fazem a guarda da região, Ícaro vai embora. Deixa para trás seu recanto, hoje, mais do que nunca, transformado em atração turística. Seu interesse pelos restos da baleia é menos curiosidade e mais identificação. Ele, afinal, também é uma ossada arrastada pela maré.

De mãos no bolso, atravessa a Urca numa caminhada vagarosa. Olha pouco a quem passa, evita interagir. É movido por um desinteresse pelo mundo cada vez mais firme, cada vez mais forte. Se pudesse, mergulhava no mar e ia descendo, descendo, para nunca mais voltar.

Em Botafogo, abandona a enseada, perigosa por conta dos assaltos, e pega a calçada do lado do shopping que margeia a avenida. Sem fones de ouvido, sua música são os ruídos da cidade, carros apressados, buzinas, fiapos de conversa, gritarias. É essa mixtape feita de fragmentos sonoros que cala a verdade inescapável a ecoar em sua cabeça: assim como a baleia, não deveria estar ali.

Passa pelo mercadinho mais zonedado da cidade, pela pizzaria de dois andares que vive mudando de nome, e

segue para o apartamento no Flamengo. As mãos estão sempre nos bolsos para espantar o gelo que não o abandona nem no ápice do verão. O corpo sua, a pele pinica, os cabelos se tornam grudentos. Contudo, o frio lhe habita como um inquilino encrenqueiro. Os arrepios o impedem de praticar sua arte. De destrinchar com a ponta dos dedos os desejos ocultos daqueles com quem se deita.


Ou se deitava.

“Acho que só esquentam quando sonha”.

“Nunca fui do tipo que sonha acordado. O jeito é deixá-las nos bolsos e seguir em frente”.

O diálogo nunca existiu. Ele inventa. Gosta de invenções que tragam encanto à sua rotina. Uma estratégia ensinada por Armando na chegada ao Rio, no táxi que o levou ao Neon Azul. Entre os muitos conselhos recebidos naquela viagem de belas paisagens e engarrafamento, um havia grudado em sua mente como chiclete em sola de sapato: Aproveite a oportunidade para se reinventar, rapaz.

Morrer, havia dito, é uma experiência que transforma. ■

 **Eric Novello** é autor e tradutor. Em seus textos, ora mais próximos da ficção fantástica, ora da literatura do cotidiano, dedica-se a contestar e desconstruir a realidade. Seus livros mais recentes são *Exorcismos, amores e uma dose de blues* (2014) e *A sombra no sol* (2012). Como compositor, trabalha com sua irmã Cássia Novello no projeto Noturna. O texto publicado nesta edição faz parte do romance em progresso *Dias nublados*, ainda sem previsão de publicação. Vive em São Paulo (SP).



Ilustrações Bianca Franco

O grito das gaivotas ecoava e anunciava que era o momento de desembarcar, as aves circulavam o navio para depois de aninhar em uma reentrância na alta parede de rocha. Não existem praias em Peneme, ao redor de toda a ilha as águas do mar se chocam com uma parede de pedra conhecida como Rocha. As docas eram frágeis, peças de madeira velha que pareciam que virariam pó ao primeiro toque. Do convés Azdaya observou seus passageiros desembarcarem. A moça de vestes caras com sua comitiva de guerreiros e depois Nahovi, Wislic e Cnotak. Hengan se juntou a sua capitã e com um sinal indicou que o pagamento pela viagem foi feito de forma satisfatória. Com um suspiro Azdaya se afastou, por enquanto seu trabalho terminara. Seguiria para seus aposentos para descansar e esperar pelo retorno de Nahovi, não desejava colocar os pés sobre o solo da ilha ou permanecer mais do que o necessário em Peneme. Mas combinou que aguardaria por sua amiga para levá-la embora.

Wislic assumiu a frente, Nahovi vinha depois e Cnotak em último. Sempre viajavam desta forma, nunca combinaram. Não foi preciso palavras para cada um encontrar seu papel e seu lugar. Desde o início existia um sentimento de que ali era o lugar certo para estar,

não só em relação a ordem que assumiam durante as jornadas, mas em relação a amizade, a confiança e lealdade entre eles. Era algo natural, como se sempre estivesse lá e destinado a fazer parte da vida deles.

No meio do cais, Nahovi parou. Encarava a parede de pedra conhecida como Rocha. Lá em cima as árvores balançavam com o vento salgado que vinha do mar e por um raro instante em sua vida a guerreira hesitou. No fundo ela sabia a loucura que estava prestes a fazer, qualquer pessoa sensata de Breasal sabia que a melhor coisa a fazer era evitar Nafgum a qualquer custo. A conversa com Azdaya e a suspeita de que os monges poderiam usar a magia dos desprezíveis seidhur só aumentava as razões para manter distância do Mosteiro. Então lembrou-se dos olhos de seu pai. Escuros, mas com leves toques de violeta, calmos como um oceano sem vento, mas por trás deles se escondia a força de uma tempestade e um turbilhão de pensamentos e ideias. Não importava o perigo ou problema, bastava Nahovi encontrar o olhar de seu pai para se sentir melhor, mais segura. Mas não foi do sentimento de conforto e amor que a guerreira lembrou ali no cais de Peneme. Foi do vazio, os olhos parados e sem vida, o sangue em suas mãos e a dor em sua alma quando Nahovi sabia que seu pai estava morto. A tarefa mais dolorida de toda a sua vida, fechar aqueles

olhos, escuros, que tanto alegria lhe deram para nunca mais abrirem.

Segurou as lágrimas, respirou fundo e com passos decididos seguiu em frente.

Uma escada de cordas e tábuas serpenteava pela Rocha até o topo. Era uma subida extenuante e por vezes traiçoeira. Alguns degraus eram antigos e a madeira podia se partir levando a uma queda mortal. Como era de costume antes de iniciarem, Wislic falou sobre os perigos da ilha, suas peculiaridades e até o que o ar marinho faz com a madeira. Porém Nahovi não prestou atenção. Tudo que conseguia pensar era que de alguma estranha forma, negociar com os monges poderia ser uma maneira de conversar com seu pai.

Não tiveram dificuldade na subida, os três eram aventureiros experientes e mesmo a Rocha sendo um desafio para outros viajantes, a comitiva que estava no barco demorou três vezes mais para vencer o desafio, para eles era quase um passeio.

No topo encontraram uma floresta fechada, árvores de troncos largos e folhas escuras. Contudo um caminho se apresentava para eles. Esgueirando-se por entre as árvores, uma trilha de terra batida indicava a direção a seguir. Cnotak desembainhou sua espada e puxou o escudo de suas costas.

— Não precisa se preocupar, meu amigo — Wislic tinha um sorriso no rosto. — Por enquanto suas armas podem descansar, Cnotak. Nossa jornada até o Mosteiro será tranquila, nada irá nos incomodar desde que nos mantenhemos na trilha. Os monges mantêm uma vigia constante e eficiente.

— Por quê? — indagou Nahovi por reflexo e para agradar o anão que gostava de explicar o desafio que estava diante deles.

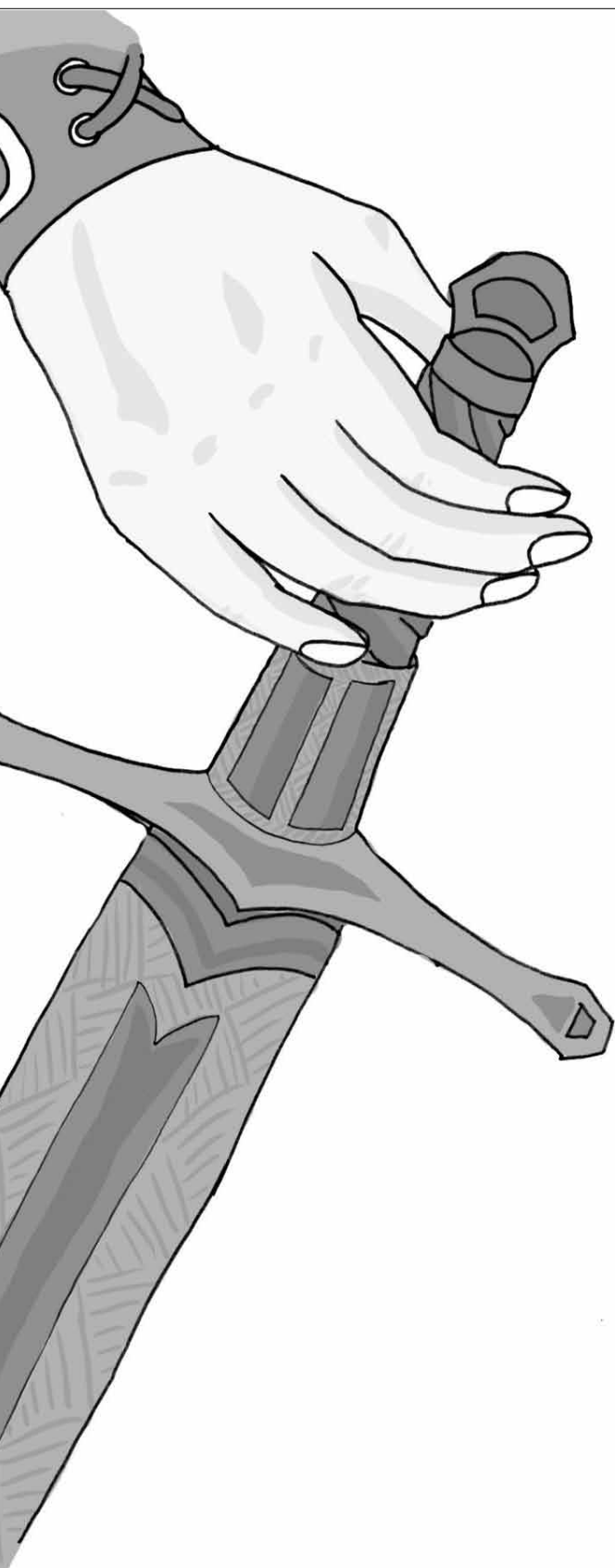
— Investimento — disse o anão com satisfação. — É importante para os monges que as perguntas cheguem em segurança. As respostas são valiosas demais para arriscarem perder algumas pelo caminho.

— E quanto aos qenari? — Cnotak pendurou o escudo nas costas e guardou a espada.

— De alguma forma, e eu gostaria muito de saber como, os monges controlam estas horrendas criaturas — o anão mordeu uma maçã que trazia na mão. — Falam até que protegem os arredores do Mosteiro de possíveis ladrões — mais uma mordida. — De qualquer maneira aproveitem a caminhada para descansar, em breve precisaremos estar bem alertas.

O guerreiro olhava para as árvores, os troncos próximos e as folhas abundantes formavam inúmeras sombras. Por duas vezes Cnotak achou ter vislumbrado um par de olhos a observá-los. Ver um monge de Nafgum era algo raro, a comunicação com o mosteiro era feita somente através de mensagens passadas pela portinhola e as únicas pessoas que viram um monge fora dos limites dos enormes muros do Monastério estavam agora mortas. Ninguém em toda a história de Breasal conseguiu escapar do ataque de um monge. Por isso a todo instante Cnotak perscrutava a floresta, buscando por algum indício de que os monges de fato patrulhavam a estrada. O nortenho estava curioso para conhecer estas estranhas figuras que mesmo em sua





infância lá no longínquo reino de Golloch povoavam as histórias e brincadeiras.

A distância do cais até a cidade era curta e logo puderam ver algumas casas e construções. Poucas, é verdade, no continente aquilo não seria chamado de vila, mas em Peneme era uma proeza encontrar pessoas que de fato viviam ali e diziam com orgulho que moravam na única cidade da ilha.

— E aí estão os bravos que ousam viver em Peneme — Wislic terminou a maçã e bebia vinho de um cantil. — Aconselho agora a terem os cabos das armas perto dos dedos.

Nahovi repousou a mão sobre o cabo de sua espada, a aspereza do couro lhe aquecia o coração e sempre fazia seus lábios se contraírem em um sorriso. A arma foi um presente de seu pai, feita por ele próprio, uma das últimas coisas que ele fez. Sua bota afundou na lama que o caminho de terra batida tinha se transformado e um cheiro nauseante tomou conta do ar enquanto eles caminhavam por entre as casas. A lama era formada por uma água suja que escorria das casas até a trilha que ficava mais abaixo. Nahovi preferiu não saber o que era aquela água.

O lugar era deprimente, nenhuma risada, somente olhos desconfiados e ameaças. As casas eram construídas em parte por pedras e outras por madeira, pareciam remendadas e arruinadas. Somente uma construção se destacava, um pouco afastada da lama e do mau cheiro, um edifício de três andares. Sólido, com paredes de pedra clara e janelas arredondadas. Guerreiros com armaduras e espadas patrulhavam o prédio.

— O Oásis, a única pousada confiável — Wislic percebeu que Nahovi examinava o lugar —, um lugar seguro no meio do caos que é Peneme. Disponível desde que você possa pagar o preço certo.

O grupo que viajou com eles no Arastaka se dirigia para a entrada do Oásis.

— Pelo visto nossos companheiros de viagem podem pagar o preço — comentou Cnotak.

— Pelo visto nossos companheiros de viagem podem pagar o preço — comentou Cnotak.

— Sem dúvida alguém que pode pagar por uma escolta como aquela, tem ouro suficiente para pagar por todo o conforto que desejar — algo na voz de Nahovi demonstrava desprezo.

— Imagino o que alguém como ela estaria fazendo por aqui — pensou em voz alta o anão.

— Não importa, vamos logo. Prometi a Azdaya que voltaria o quanto antes — com passos firmes a guerreira se afastou.

Logo as casas ficaram para trás, eram apenas um punhado, e um grama-do-verde pálido que crescia até seus joelhos ficou diante deles para terminar em um abismo. E depois, o Mosteiro.

Avançaram em silêncio, as histórias e lendas fervilhando em suas cabeças. Ver os três edifícios que compunham Nafgum era um feito para poucos. Era difícil lembrar das palavras de aviso, dos terríveis relatos do que os monges eram capazes de fazer quando não recebiam seu pagamento, tudo que eles queriam era chegar logo e admirar o lugar. Ao final os passos quase viraram uma corrida, movidos pela ansiedade, e de repente o vazio.

O abismo se perdia na escuridão e era impossível ver seu fim. Ainda assim, mesmo sem poder enxergar, podia sentir que algo habitava suas profundezas. Esperando e esperando o momento certo para aproveitar o descuido de um viajante. Circundava todo o mosteiro e a única forma de chegar ao portão era através de uma ponde de madeira e cordas.

Ficaram alguns passos da ponte

que dançava com o vento que corria pelo abismo. Depois da ponte um pequeno pátio coberto de pedras polidas e bem asentadas. Um muro alto acompanhava o abismo e protegia as três construções, pelo menos imaginavam que fossem três, era o número de telhados que podiam vislumbrar ali de fora. Feitos de peças de argila que se encaixavam à perfeição. Algo diferente de tudo que tinham visto. No pátio vazio o portão de madeira e ao seu lado a portinhola. Nahovi sentiu um arrepio na espinha, depois de tanto tempo, tanta luta, tudo poderia ser resolvido.

Wislic e Cnotak não ousaram se mexer, aguardavam a guerreira. Ela deu alguns passos à frente e ficou parada diante da ponte, seus cabelos levados pelo vento e o olhar fixo nos portões do mosteiro. Segurava entre os dedos a pequena pedra azul que pendia de seu colar. Por um momento ficou assim, sua mente inundado por pensamentos e lembranças. Até que reuniu a vontade necessária para virar os olhos para seus amigos que permaneciam distantes. Os dois assentiram e ela tentou sorrir, contudo falhou. Deu as costas para eles e colocou seu pé sobre a madeira da ponte.

Durante a travessia a única coisa que Nahovi pensava era que o pátio estivesse realmente vazio, temia que se tivesse que esperar por alguém ser atendido ou alguma outra distração, a coragem sumiria e ela iria embora. Sentiu-se mais segura quando encontrou o pátio vazio. Mais uma vez olhou para trás, as silhuetas de Wislic e Cnotak estavam lá.

O portão maior era feito de grandes troncos de madeira escura, anéis de aço mantinham as peças unidas, eram duas portas, e não existia qualquer tipo de tranca ou dispositivo para abrir. A portinhola ficava do lado direito, quadrada e pequena era feita de uma madeira avermelhada que fez Nahovi imediatamente lembrar

de sangue. Tentava escutar qualquer barulho, os olhos atentos, mas estava sozinha. Agora a ideia de um monge estar observando-a parecia ridícula, mas durante a viagem ela ficou imaginando que talvez um deles estivesse por ali. Não era preciso. Tudo que ela via demonstrava uma força, um poder imensurável que seria impossível de ser desafiado. De repente sentiu o desejo de sair daquele lugar o quanto antes.

Ao lado da portinhola ficava um pequeno armário com porta de vidro. Dentro estavam pergaminho e uma pena. Não havia tinta. Ela abriu a porta destrancada e segurou a pena. Era pesada, com a pluma cinza e o bico feito de um metal que parecia ser prata. Não teve dúvidas, parecia muito claro o que deveria fazer, encostou a ponta da pena em seu pulso. Sentiu uma picada e viu um fino fio vermelho de seu sangue que subia pelo bico de metal. Depois que o fio desapareceu, rapidamente pegou um pergaminho e escreveu em letras trêmulas: “Quem matou meu pai?”

Abriu a portinhola, que também estava destrancada, e colocou o pergaminho dobrado no interior. Fechou sem ousar ver como era lá dentro. Guardou a pena e fechou o armário. Deu uma última olhada para o bico de metal, limpo, nem uma gota de seu sangue. Estava tudo com os monges.

Novamente segurava a pedra azul, presente de seu pai. Não sabia o que iria acontecer, estava feito, mas e agora? Quanto tempo até receber o preço por sua resposta. Seria um pergaminho ou algo mais misterioso?

O barulho da portinhola se abrindo cessou todas as dúvidas. Decidida Nahovi olhou o interior. Um pergaminho dobrado. Com cuidado ela o pegou e abriu. Apenas uma frase em caligrafia firme e angulada: “Traga-nos Tarassu”. ■

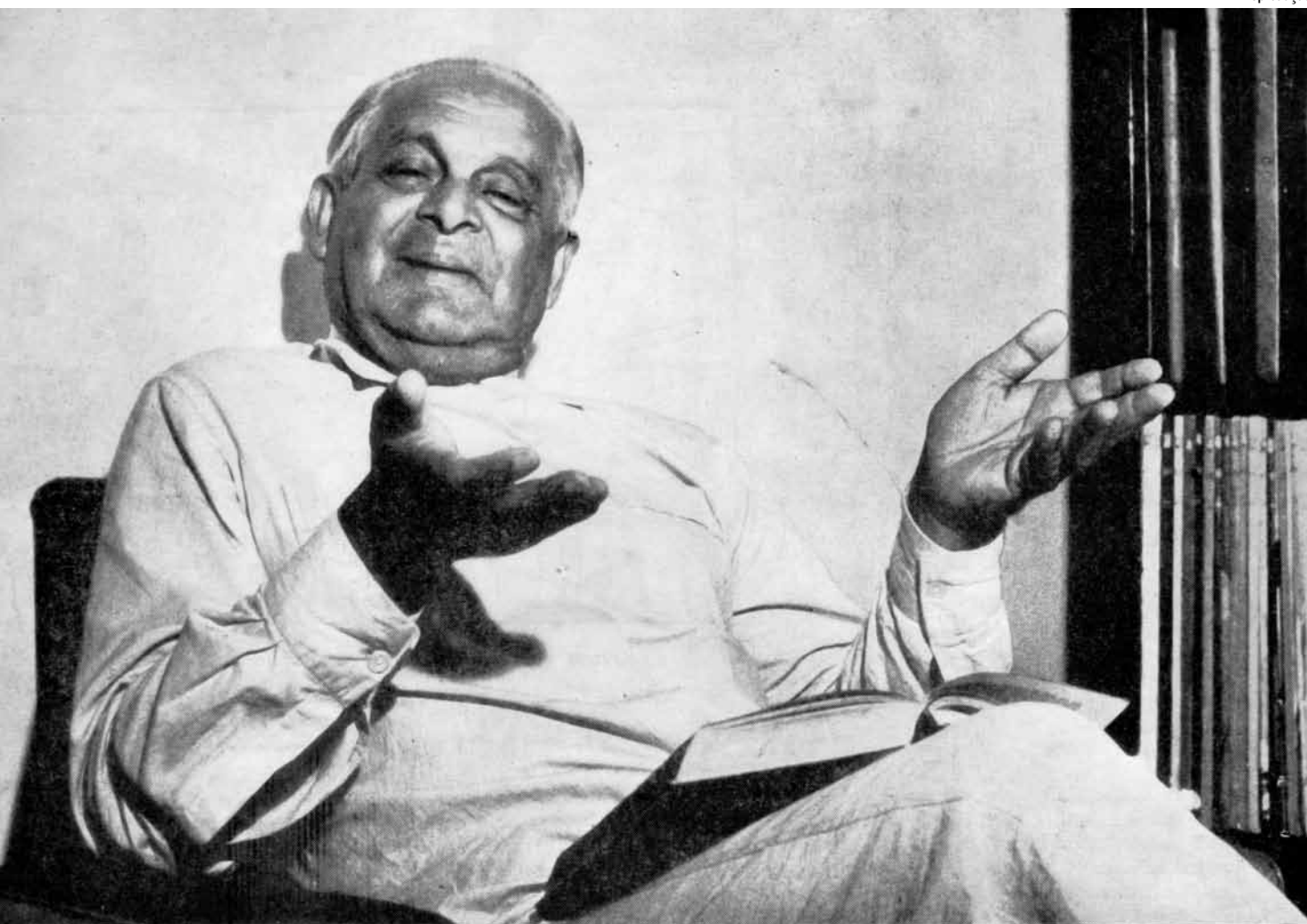


Thiago Tizzot é autor dos livros *O Segredo da guerra* e *A ira dos Dragões e outros contos*. É editor da revista *Arte e Letra: Estórias* e proprietário da editora Arte e Letra. O trecho publicado pelo **Cândido** faz parte do próximo romance do autor, ainda sem título. Tizzot vive em Curitiba (PR).

Cachorro não, Chichorro

Alceu Chichorro (1896-1977) foi uma celebridade na capital paranaense por sua atuação crítica na imprensa como fotógrafo, jornalista e, principalmente, chargista

LUCAS DE LAVOR



Reprodução

Curitiba tem uma tradição de desenhistas, entre os quais se destacam Poty Lazzarotto (1924-1998), Oswaldo Miranda (Miran), Paixão, Solda, Retamozzo e Alceu Chichorro (1896-1977). Em texto publicado no jornal *Gazeta do Povo*, o escritor e cineasta Valêncio Xavier definiu o trabalho de chargista de Chichorro como “um dos melhores que este país já teve”. O jornalista, escritor e cronista Dante Mendonça conta que Chichorro foi uma figura pública muito conhecida em Curitiba. “Ele era tão popular, mais popular que jogador de futebol, quanto um locutor de rádio na época. Era um *popstar*”, afirma Mendonça.

Chichorro assinava livros como Eloy de Montalvão e charges como Eloy — ele atuou no jornal *O Dia*, um dos mais importantes diários da capital paranaense durante parte do século XX. A relevância de Chichorro para a cultura do Paraná, comenta Dante Mendonça, diz respeito ao fato de ele ter sido atuante na imprensa, sobretudo durante o Estado Novo — o chargista quase foi preso entre as décadas de 1940 e 1950. “Ele era anti-getulista e fazia um

Segundo o cronista Dante Mendonça, Alceu Chichorro (1896-1977) foi o mais relevante chargista da imprensa curitibana: “Era um *popstar*”, afirma.

humor que encontrava ressonância nos leitores. Não tinha medo de se expôr e parecia ser muito honesto com ele mesmo”, diz Mendonça.

A diretora cultural do Museu Oscar Niemeyer, Estela Sandrini, lembra de conferir nas páginas do jornal *O Dia* as charges do Chichorro. “Os leitores curitibanos esperavam para ver o desenho do Chichorro, que fazia crítica política, mas também retratava o comportamento da sociedade”, observa Estela, também artista plástica — o pai dela, José Ernesto Erichsen Pereira (1909-1964), foi diretor de *O Dia* e amigo de Chichorro.

Um dos personagens mais conhecidos criado por Chichorro, o Chico Fumaça, era uma sensação na imprensa curitibana. O Chico Fumaça, sempre acompanhado do cachorrinho Totó, lembrava, de acordo com Estela Sandrini, o

Amigo da Onça, personagem criado pelo desenhista Péricles de Andrade Maranhão (1924-1961), sucesso da revista *O Cruzeiro*. “O Chico Fumaça era esperado por todos, a cada nova edição do jornal. Existia uma sequência no trabalho do Chichorro, talvez por isso ele tenha marcado tanto”, completa Estela.

Formação e cultura

No início do século XX, Chichorro teve aulas com Alfredo Andersen (1860-1935), norueguês radicado em Curitiba, pintor, escultor, desenhista e professor, responsável por formar uma geração de artistas e que, devido a essa atitude, é considerado o “pai da pintura paranaense”. Filho de Francisca Hosana Rodrigues e do jornalista Joaquim Procópio Pinto Chichorro Júnior, demonstrou ainda menino interesse pela imprensa.

Chichorro colaborou com as revistas *Pomba* e *Olho da rua* e os jornais *O Anzol* e *Gazeta do Povo*, mas foi mesmo nas páginas de *O Dia* que se afirmou. O jornalista e escritor Wilson Bóia (1927-2005), no livro *Álbum de Charges de Alceu Chichorro*, publicado pela Secretaria de Estado de Cultura do Paraná (Secc), cita alguns dos principais personagens criados pelo artista, entre os quais Tancredo, Pascoalino, Minervino, Chico Fumaça, Tia Marcolina e Dona Anunciata.

Mas foi mesmo com o já citado Chico Fumaça que Chichorro se destacou. Bóia fez uma definição do personagem: “O patrono do povo, sufocado pelas artimanhas da política, o advogado implacável, a lutar, com unhas e dentes — mas sempre com uma pitada de sal e de inteligência — pela moralização dos costumes e pelo respeito às instituições.”

Dante Mendonça acrescenta que Chico Fumaça não era politicamente correto e que, hoje, o cachorro Totó, “que apanhava constantemente, poderia fazer com que a Sociedade Protetora dos Animais viesse a causar problemas para Chichorro”.

Em 1958, ele se aposentaria dos Correios e Telégrafos, empresa onde trabalhou durante 34 anos — desde 1924. Dois anos depois, publicou o livro de poemas *Quando caem as trevas* e, em 1964, a coletânea de crônicas *Mulheres e mais mulheres*. Após 48 anos de dedicação à imprensa paranaense, aposentou-se como jornalista em 1961. “O Chichorro foi o chargista mais importante da história do Paraná”, comenta Dante Mendonça. Faleceu em 1977, aos 81 anos — em 2005, aconteceu o lançamento de *Cachorro não, Chichorro!*, documentário sobre o chargista, de 15 minutos, dirigido por Arnaldo e Paulo Friebe. ■



GETULIO

Minha gente está na hora de começar o banzé. Esta vida não melhora, Siga, pois, o arrasta-pé...

CAFÉ

Estou vendo a coisa preta Ninguém quer se conformar, É preciso uma chupeta para o Zé Povo mamar...

GARCEZ

Eu requebro, eu me desmancho e procuro ser um az, mas já sinto que este Rancho acabou com o cartaz.

CAPANEMA

Malandro que não estrila, que sabe fazer mumunha, vou sempre dentro da fila, fingindo sirí sem unha...

ADEMAR

Populista aqui da zona com a “caixinha” da esperança eu sigo a tocar a sanfona... e danso cá minha dansa.



PERFIL DO LEITOR | VILMA SLOMP

Divulgação



Por trás da imagem

Autora de retratos dos principais escritores curitibanos, a fotógrafa revela seu gosto por livros de arte, poesia e filosofia

OMAR GODDY

Vilma Slomp se orgulha de ter fotografado praticamente todos os escritores consagrados de Curitiba — nascidos ou radicados na cidade. Conhecida por seus retratos de personalidades paranaenses, ela coleciona registros de Paulo Leminski, Alice Ruiz, Wilson Bueno, Jamil Snege, Cristovão Tezza, Helena Kolody, Valêncio Xavier e até do paulista Décio Pignatari, que viveu durante um tempo por aqui. “Todos são ou foram meus amigos em algum momento”, afirma a fotógrafa de 63 anos, que já passou por todas as áreas da profissão e hoje se dedica mais a trabalhos autorais.

Segundo ela, a lista possui três lacunas. Uma delas é impreenchível, pois o autor de *Comendo bolacha Maria no dia de São Nunca*, Manoel Carlos Karam, morreu em 2007. Miguel Sanches Neto, que agora vive em Ponta Grossa, será retratado quando voltar de uma temporada em Portugal. Sobra um desafio: convencer Dalton Trevisan, cuja reclusão só permite, no máximo, um clique de surpresa no meio da rua. “Já tive a oportunidade de flagrá-lo na frente de casa, mas achei que seria uma falta de respeito. Tentei entrar em contato com ele duas vezes, por meio de amigos em comum, mas ainda não deu certo”, diz, com uma ponta de esperança.

Leitora de todos os autores citados acima, a fotógrafa tem uma predileção pelas obras de Paulo Leminski e Alice Ruiz. Os dois poetas ainda eram casados quando Vilma os conheceu, no final dos anos 1970, durante uma palestra ministrada por Leminski. “Voltei para casa encantada, contando para o Orlando [Azevedo, seu marido, também fotógrafo] que aquele cara ‘vomitava sabedoria”, lembra. Naquela época, auge do desbunde no Brasil, Orlando ainda era baterista da banda A Chave, um clássico do rock local.

“A contracultura mexeu com todo mundo. Até meu pai ouvia os discos dos Beatles. Eu lia muita coisa sobre feminismo e adorava o *Pasquim*”, conta. Fiel ao espírito do período, Vilma construiu sua formação sozinha, buscando informações em publicações importadas. Desde então, suas principais leituras são os livros de arte, que ocupam uma sala inteira de seu estúdio / galeria, no bairro curitibano das Mercês. “Me interesse, principalmente, pelo processo criativo dos artistas, pelos bastidores das grandes obras.”

A poesia também tem lugar cativo na sua mesa de cabeceira. Além dos preferidos e já citados Paulo Leminski e Alice Ruiz, ela tem lido Arnaldo Antunes e Waly Salomão. Outra leitura recente foi

a biografia de Clarice Lispector escrita pelo norte-americano Benjamin Moser. “É um trabalho fantástico, profundo, que vai na raiz da história dela. Ainda mais se a gente levar em conta que o autor é extremamente jovem. Estou esperando o próximo livro dele, sobre a Susan Sontag”, diz.

Quanto à ficção, Vilma admite que não tem consumido muito, apesar de ter sido uma boa leitora de contos e romances ao longo da vida. “Meus pais não fizeram faculdade, mas tinham uma cabeça muito aberta, viajaram o mundo inteiro. Além disso, tenho quatro irmãos mais velhos que também me influenciaram bastante. Lá em casa sempre teve muito livro e revista. Clássicos da literatura, enciclopédias, gibis, *O Cruzeiro*, *Manchetê*”, conta a fotógrafa, que ainda guarda o primeiro volume marcante de sua trajetória. “Chama-se *O jacarezinho egoísta*. Ganhei aos 8 anos, quando tirei o segundo lugar num concurso de redação da escola, em Campo Mourão [no interior do Estado]”.

A exemplo dos irmãos, ela completou os estudos em Curitiba, no colégio Sion, onde se exigia a leitura de um livro por semana. “Tínhamos excelentes professores, que nos incentivaram a ler Machado de Assis, José de Alencar, Eça de Queirós, Edgar Allan Poe, Charles Dickens, etc. Mais tarde, conheci Jorge Luis

Borges, Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez. O último romance que li, e adorei, foi *Ana em Veneza* [de João Silvério Trevisan]”, conta.

A filosofia também figura entre seus interesses. Tanto que, no ano passado, Vilma se inscreveu num curso livre dedicado especialmente às tragédias gregas. De qualquer forma, a leitura para ela é mais do que um hobby ou uma forma de adquirir conhecimento. “Serve como um calmante para mim. Às vezes, estou cansada do trabalho no estúdio e tiro meia hora para ler alguma coisa, ali mesmo. Aliás, ler para mim é que nem dormir: posso fazer em qualquer lugar”, diverte-se.

Com cinco livros de fotografia publicados, entre eles *Dor* (1998) e *Curitiba central* (2013), Vilma Slomp faz uma revelação: escreve poesia “escondida embaixo da cama” e gostaria de lançar uma reunião dessa produção. “Sou muito conversadeira, e uma forma de me expressar é escrevendo. Já fiz até uma oficina de haicais com a Alice Ruiz, nos anos 1980. Se você pegar o meu trabalho, vai ver que eu sempre tento colocar poesia nas imagens”, diz a fotógrafa, que em 2016 pretende lançar o projeto de livro e exposição *Arte e poder no PR*, só com retratos de políticos e artistas paranaenses — incluindo os escritores citados aqui e que sempre confiaram em seu olhar. ■

A ILUMINAÇÃO DE ANA



Ana está rezando. Ela só tem oitenta. Não faz exercícios, pouco se movimentava e o corpo está encolhendo. Uma vez por dia, ao menos, ela reza. Ajoelhada, Ana não bate no peito, não se flagela, não se atormenta. Repete as orações, o terço bizantino completo. A reza em casa, diferente da que faz na igreja, é um ato solitário, de comunhão íntima, mais intuída que sentida. Hoje, Ana terá uma noção ainda mais clara, no quarto que transformou em capela.

Não de súbito, não uma revelação. Bem lentamente, a luz começa a mudar. É difusa, fornecida apenas pela vela em frente ao quadro da imagem da Virgem Maria a pisar na serpente. Uma gravura, impressão emoldurada. O vidro reflete o brilho da chama. Há um odor suave de incenso, da vela a derreter-se, talvez.

Ela nem percebe o quarto a iluminar-se, absorva nos mantras, nas repetições das Ave-Marias.

— *Ana!* chama a voz gentil.

Sai devagar da imersão. O cheiro é mais adocicado e forte, o quarto tomado pelo perfume de rosas recém-colhidas. Quem a estará chamando, na casa solitária?

— *Ana!*

O arcanjo é uma visão maravilhosa.

— *Deus sabe de você. Ele vê.*

Ana estremece. Prostra-se, o rosto contra o assoalho de madeira, não limpo há uma semana. A superfície fria apazigua o calor da testa.

— *Eu não sou digna...*

O arcanjo mantém as mãos levantadas, palmas abertas, braços próximos

ao corpo. Rosto no chão, Ana procura lembrar do vislumbre as feições nobres, o cabelo loiro, encaracolado, a cair sobre os ombros. Um halo de luz brilhava ao redor da cabeça angelical?

Ela não teve tempo para reparar no rosto de traços suaves, nos cristalinos olhos azuis, no tecido branco da manta rica, mas simples, nas asas majestosas... *Deus vê...* uma pecadora, uma alma simples... como poderia incomodar a majestade tremenda?

— Louvado seja o Santo Nome, louvado seja!

Ana não quer tremer, mas não consegue evitar o descontrole do corpo. Nunca foi assim que se viu, imaginou, frente ao momento supremo. Deus é piedoso, magnânimo e onisciente. Poderosos e humildes têm o mesmo valor ante a potência celeste. Por que uma pecadora não poderia receber a atenção divina? A própria Maria Madalena não santificou-se pela humildade e pelo coração generoso?

— *Ana, é chegada a hora da redenção.*

Ana não sente mais o frio do quarto austero. Toda a vida ansiou por isso. Se tivesse coragem, levantaria a cabeça, não para confrontar o arcanjo, examiná-lo com olhos curiosos e igualadores, mas para buscar na sala as imagens do pai, Waldemar, da mãe Virgínia, e dos avós paternos, Antenor e Laura; porque dos maternos nunca conseguiu a generosidade de mantê-los no mesmo patamar, na parede. Um pecado, venial, é certo. Ali, do quarto, sempre pode avistar as fotos queridas, não por idolatria, jamais, mas pelo amor, saudade, respeito aos

ensinamentos que lhe transmitiram e fizeram a base de sua vida.

O frio dissipa-se e Ana acha mesmo que experimenta uma sensação de relaxamento e bem-estar. Felicidade com a presença do arauto do Senhor.

— *É hora de redimir os pecados.*

Ana pode sentir a claridade que domina a casa. Seus olhos já não veem bem há muito tempo. Está quase cega.

— Redimir os pecados, glorioso arcanjo?

— *Redimí-los, Ana, apresentar-se limpa ao Criador.*

— Limpa de todos os pecados?

— *Até mesmo do Pecado Original.*

Ana considera o alcance da revelação. Nas questões de fé, aprendeu que o batismo perdoa o Pecado Original. Pois todo homem e toda mulher nascem pecadores, frutos e herdeiros do pecado. Nunca soube discernir se o Pecado Original aconteceu por ter o homem procurado o conhecimento, ao provar do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, ou se foi por surgir de mulher, pela tentação que induz ao homem, e, portanto, por levá-lo a provar de todos os frutos e a cometer desatinos. E, assim, toda mulher condenada a ser agente da perdição, perpetuadora do pecado. Isso turvava-lhe a mente. O batismo não era suficiente? Homens e mulheres são pecadores por princípio?

— O não entendimento é pecado? Ou um obstáculo a ser vencido?

— *Dúvida nenhuma resiste à verdade e ao calor da fé, diz o arcanjo.*

— É justo. Só pela fé minha vida teve sentido, só por ela pude resistir aos abalos da existência.



Ilustração **Marília Costa**

— *A existência se justifica na comunhão divina.*

Ana sabe que é correto. E que a honra suprema da presença do arcanjo é o corolário de uma vida justa, não obtida por pecadores. Ainda assim, alguma coisa surge, sem controle. Não ousa indagar se a remissão de seus pecados beneficia os próximos, se os ajuda a conseguir a felicidade, o favor celeste.

Felicidade é uma condição que Ana não teve como alcançar. As provações foram muitas. Na maior delas, sua irmã Laura, Deus a tem, recebeu a graça de conceber a mais linda criança. Ana foi abençoada em ser a madrinha. Quanta alegria, quanto orgulho sentiu em ser a segunda mãe aos olhos do Senhor! Christina trouxe encantamento à pequena família. Os avós, Waldemar e Virgínia, fizeram festas, todos os conhecidos convidaram para apresentar a neta. Uma alegria imensa. Talvez tenha sido o mais belo ser inocente que o Senhor colocou sobre a face da Terra. De brilhantes olhos castanhos, pele quase leitosa, claros cabelos encaracolados, ela foi por dois anos o centro de tudo. Quem não se comovia com o choro espontâneo dos motivos simples — a fome, a contrariedade de não ter algum desejo qualquer atendido — ou com o riso límpido, que a todos enchia de contentamento e esperança? De ver a família renovando-se na casa de Laura? A criança engatinhando, dando os primeiros passos, revelando nos balbucios a inteligência, articulando as palavras, entabulando nomes, mostrando o entendimento e reconhecimento de pais, tia e avós?

Tiana! Tiana! ela dizia ao ver a madrinha; tia e Ana — com os gritinhos que dava, de alegria, pela maravilha que era, de ser tão nova, bonita, inteligente, um presente de Deus.

Quando Christina começou a apresentar problemas, Ana deu apoio firme à Laura e ao marido dela, Antonio, homem de fé. O que era belo transformou-se numa prova de sofrimento, a mesma travessia de Jó, e só a certeza do caminho divino manteve a família no rumo do bom entendimento. Quantas noites Ana ficou ajoelhada, pedindo a divina intercessão em prol da pequena criatura?

O avanço da doença foi um tormento. Christina deixou de ser alegre. Os nervos começaram a retesar-se. Ela ficava encolhida, joelhos juntos à cabeça. E havia dores. Christina tremia, o corpinho molhado, respiração ofegante, tinha surtos, ataques, nos quais jogava-se para todos os lados, a cabeça batendo em qualquer superfície que encontrasse, um som indistinto saindo da boca, monótono, repetitivo, enjoativo, assustador. Ela espumava e não era a espuma dos insensatos, pois tempo nenhum tivera para buscar razão e sentido, mas algo mais primitivo e poderoso, incontrolável.

Christina esmaecia enquanto o corpo definhava. Não recuperava as forças e permanecia em alternância de surtos violentos e pausas de gemidos intermitentes, interrompidos somente pela bênção de sonos exaustos e pouco frequentes, até que a dopagem, os remédios pesados, dessem a falsa impressão de uma trégua. Pois não houve melhora alguma, um momento sequer em que os

cândidos olhos pudessem reconhecer os pais, a tia, um apoio, um abraço, um choro, um consolo.

Depois do rosário de hospitais e médicos, a morte foi um consolo. Deus apiedou-se e deu fim ao sofrimento. Mas a provação mostrou-se demasiada. Abalados, os pais de Ana e Laura feneceram. Viviam em tristezas e recolhimento, não resistiram aos rigores do envelhecimento, sem as alegrias da infância e da juventude, e logo partiram. Virgínia primeiro, Waldemar quase em seguida. Mortes por razões fúteis, segundo os atestados médicos burocráticos, e não pela ausência de motivos para permanecer vivos. Também Laura e Antonio sentiram. Ficaram distantes, isolaram-se em partes distintas da casa, quartos separados. Antonio, homem de fé, metódico, cumpridor de seus deveres, um dia sumiu, e isso foi o golpe definitivo para Laura.

Pouco a pouco, perdeu o sentido das coisas. Passou a discursar despropósitos, via e falava com a filha, o marido ausente, os pais mortos, a própria Ana envolvida nesse mundo de imagens, sem ser percebida de verdade nos sonhos da irmã. Foi impossível deixá-la sozinha na antiga morada conjugal. Empregadas a roubavam, deixavam passar necessidades, viver em sujeiras. Enfermeiras a dopavam, aumentavam os danos e Ana, que buscava ser o sustentáculo da desvalida, teve de ceder à razão. Interrompu a irmã num asilo, onde receberia, ao menos, alguma atenção. E também isso, infelizmente, é preciso reconhecer e pedir o perdão a Deus, foi um remédio que apressou o fim. De incontrolada, Laura se tornou cada vez mais apática,

perdida em devaneios que não externava, sem reconhecer nada do mundo, até que, também ela, foi prestar contas dos seus atos e da vida infeliz. E Ana viu-se absolutamente solitária, dona de duas habitações vazias, cheias de lembranças. E se a fé a manteve, só ela abriu rumos na estrada da escuridão.

Encontrou amparo na igreja. Tornou-se ministra e participante de pastorais. Ajudava nas missas, recitava passagens do Evangelho, recolhia os doativos. Comungou da ação comunitária e visitou os pobres. Fez quermesses, distribuiu o que arrecadou e o que pôde das próprias posses, que nunca foram muitas, pois não trabalhava e não tinha como aumentar o que ficou de herança da família estimada. Continuou no apartamento dos pais, quase intocado, com todos os móveis antigos, no prédio gasto e agora mal conservado na Rua Doutor Pedrosa, onde sempre vivera. Passou a viver do aluguel da casa da irmã, nas Mercês. Sempre pouco, pois não se permitia ser usurária. E que ainda assim atrasava, escasseava e acabou não vindo mais. E quanto, premissa pela necessidade, teve de recorrer à lei dos homens, descobriu que a justiça terrena não é célere nem se inclina aos proprietários em acordos de boca, feitos há muito tempo.

— Minha redenção, glorioso arcanjo, perdoa o abandono de minha irmã, que joguei no asilo?

— *O mais simples ato pode relevar o pecado mais grave na balança divina. O Senhor tudo sabe, tudo considera.*

Não que Ana esperasse compensação pela caridade que praticava, na dedicação à comunidade religiosa. A animação

das crianças miseráveis, o brilho dos olhos ao receber os alimentos e agasalhos usados eram um bálsamo para a dor surda da solidão.

Gostava das missas na igreja do Senhor Bom Jesus dos Perdões, na praça Rui Barbosa. A Catedral era mais bonita, imponente, com belos vitrais, várias capelas, às vezes, até cultos com a Camerata Antiqua, que executava músicas tão bonitas, desconhecidas para ela. Mas a praça Tiradentes era longe e a idade pesava nas caminhadas. Quando Laura vivia, frequentava a paróquia Nossa Senhora das Mercês. Por isso, na morte da irmã, mandou rezar lá as missas de 7º dia e de um mês, como Laura havia feito para Christina, perto da casa delas. Depois, porém, era a Senhor Bom Jesus que preferia e onde encomendava as missas pela irmã, sobrinha e pais. Até pelo cunhado Antonio rezava, de vez em quando, perdoando o desaparecimento que agravou a doença de Laura.

A acústica da Senhor Bom Jesus sempre foi boa. Ana gostava de ouvir os hinos, o canto dos fiéis ressoando claro e forte, principalmente o das mulheres, que cantam melhor e não têm vergonha de saudar ao Senhor. Nessas horas, ela enlevava-se, cantava também, ouvindo a própria voz, um pouco mais fraca, distinta para si, do coro que integra e rejubila. E sentia-se bem. Feliz. Ana acendia velas pelas almas da família. Ex-votos, nunca deixou na gruta em frente à igreja, por não ter graça direta recebida por promessa e nem mesmo por quem pedir, porque ela não precisava mais, sabia que sua hora se aproximava. Não era uma freira, entretanto, não renunciara à

vida mundana quando moça, não vivia inteiramente pela causa de Deus. Era, sim, uma fiel que procurava amparo na casa divina. Fora dos trabalhos de que procurava participar, das missas, das rezas, a vida continuava, com atribulações, questões, dúvidas, decisões.

Tiana! o gritinho querido, quanto tempo ecoou em seus ouvidos... e nunca mais tê-lo ouvido não foi tudo.

Das amigas de juventude, manteve contato ocasional com apenas uma, Neusa, também solteira e ministra. Neusa acompanhou o purgatório de Ana, viu a sucessão de mortes e foi aos enterros no cemitério do Água Verde. Conhecia Laura da paróquia das Mercês, foi ao casamento dela e estava no sepultamento, com alguns conhecidos. Neusa tinha dois irmãos e uma irmã casados, muitos sobrinhos, alguns já constituindo suas próprias famílias. Muitos compromissos, era natural que se encontrassem pouco e acabou afastando-se também. Ana sozinha, envolveu-se ainda mais na rotina das atividades religiosas. Pouco participava das reuniões e terços nas casas de outras pessoas. Era tímida, avessa, quase não sentia alegria. Ainda assim, conheceu melhor alguns parceiros de prática cristã que se compraziam nos encontros, divertiam-se, e até gostou deles. Mas tinha medo, preferia o isolamento. Gostava de rezar nas missas, onde a comunhão das preces respeitava as dedicações individuais e, principalmente, em casa, quando podia desenvolver mais as extensões do terço. Rezava-o no final da tarde, quando ainda não estava com sono, antes de distrair-se com a televisão. Do prazer dos mistérios, apreciava o da alegria, os



gozosos; da dor, dolorosos; da ressurreição, gloriosos.

Nos gozosos, a anunciação, a suprema ventura: *o Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a Sua sombra*; a visita de Maria, cheia de graça, à Isabel, que concebeu na velhice; a viagem para o recenseamento e o nascimento no estábulo; a apresentação da criança à casa do Senhor em Jerusalém; as caravanas anuais ao templo, o extravio de Jesus aos doze anos e o encontro dele entre os doutores da Lei.

Dolorosos, os mistérios da angústia e do sofrimento: a agonia de Cristo, Nosso Senhor, quando suou sangue no horto, a oração para combater a tentação; a flagelação atado à coluna; a coroa de espinhos; o calvário; o peso da cruz sobre os ombros, o encontro com a mãe dolorosa, Maria; a crucificação e a morte na cruz.

Nos mistérios gloriosos, a ressurreição: a ascensão de Nosso Senhor; a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos com Maria Santíssima; a assunção de Nossa Senhora e a coroação da Virgem como rainha de todos os anjos e santos.

Sempre se emocionara com a laldainha. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus... Santa Virgem das virgens, Esposa do Espírito Santo, Mãe de Jesus Cristo, Mãe da divina graça, Mãe puríssima, Mãe castíssima, Mãe inviolada, Mãe amável, Mãe do bom conselho, Mãe do Criador, Mãe do Salvador, Mãe da Igreja, Virgem prudentíssima, Virgem venerável, Virgem digna de louvor, Virgem poderosa, Virgem misericordiosa, Virgem fiel, Espelho de justiça, Trono de sabedoria, Causa da nossa alegria, Vaso

espiritual, Vaso digno de honra, Rosa mística, Torre de David, Torre de marfim, Casa de ouro, Arca da aliança, Porta do céu, Estrela da manhã, Saúde dos enfermos, Refúgio dos pecadores, Consoladora dos aflitos, Auxílio dos cristãos, Rainha dos anjos, Rainha dos patriarcas, Rainha dos profetas, Rainha dos apóstolos, Rainha dos mártires, Rainha dos confessores, Rainha das virgens, Rainha de todos os santos, Rainha concebida sem pecado original, Rainha elevada ao Céu em corpo e alma, Rainha do santíssimo rosário, Rainha da paz...

Rogai por nós, rogai por nós, rogai por nós, rogai por nós...

O papa João Paulo II introduziu o quarto bloco de mistérios, os da luz. Meditação sobre momentos relevantes da vida pública de Cristo, entre o batismo e a paixão. Luminosos mistérios: o batismo no Jordão; a autorevelação nas bodas de Caná, com a transformação da água em vinho; a pregação e o anúncio do advento do reino de Deus, com o apelo à conversão e o perdão aos pecadores; a transfiguração no Monte Tabor: a confirmação aos apóstolos pelo Pai Supremo, o incitamento à que dessem ouvidos a Cristo e, finalmente, a instituição da sagrada eucaristia: Cristo faz-se alimento com o seu corpo e o seu sangue, sob os sinais do pão e do vinho, testemunhando o seu amor pela humanidade e disposição de oferecer-se em sacrifício pela sua salvação.

No início, fora difícil para ela, acostumada com a perenidade dos costumes de devoção, entender que havia um novo espaço a ser cumprido nas orações. Mas sabia que a igreja evolui para melhor orientar o povo de Deus. Antigamente,

quando fora batizada, e depois, quando estudara o catecismo e optara pela confirmação do crisma, não eram as missas em latim? Ficou bem melhor, talvez não tão bonito e grandioso, mas mais próximo, quando tudo passou a ser em português. Como poderia participar da missa, subir ao altar, pronunciar as palavras sagradas da Bíblia, se as mudanças não tivessem acontecido? Até conviver com os padres, conhecê-los, saber que eram humanos e tinham, é verdade, defeitos e ressalvas, era melhor do que antes. Gostava particularmente do padre Elói, jovem ainda, brincalhão, que contava piadas na missa, mas que sabia transformar o sermão em ocasião de reflexão e aprendizado.

Ele explicou que os quartos mistérios ressaltavam o reino divino já presente, personificado em Jesus, e que, assim, o Rosário se completava como compêndio do Evangelho, sintetizado antes no terço e agora no quarto.

Quando Padre Elói discorreu sobre a parábola do filho pródigo, Ana entendeu, pela primeira vez, que esse filho não tinha se perdido por fraqueza, mas pelo desejo de conhecer as coisas do mundo, desejo supremo de todo homem, e que, afinal, tendo sofrido com as decisões que tomara, da busca do hedonismo, crescera com elas, com as alegrias e tristezas que experimentara, e soubera reconhecer que estivera errado e que a casa paterna sempre fora o ponto central de sua vida, para ele, que perdera tudo por dela ter se distanciado e optado pelos prazeres fáceis. A casa paterna era a casa de Deus. Pois quem erra e arrepende-se sinceramente, abandona os vícios e costumes enganosos, está pronto para receber a iluminação divina,

talvez até melhor do que as pessoas que nunca falharam, porque consegue vencer um calvário. Deus é misericordioso e sábio, sabe o esforço necessário ao pecador para que se reconheça em erro. E o bom pastor sempre procura os desgarrados, para que tenham proteção no rebanho divino.

Para a remissão, dizia padre Elói, é preciso o arrependimento verdadeiro, que prepara a alma para a lavagem dos pecados. Por isso, Ana rezava também pelo cunhado Antonio, para que conseguisse esclarecimento divino e percebesse a culpa de ter abandonado Laura no caminho das tormentas, logo após a morte da adorada Christina, renegando os votos do matrimônio e agravando sua doença, até a loucura e a morte.

Ela sabia que, assim como o amor do pai ao filho pródigo superava os ressentimentos, ainda que o outro filho, o fiel, não o entendesse, todo cristão verdadeiro precisa ter generosidade na alma. Perdoar mágoas e ofensas. Por isso, seu coração apertava-se quando via os espaços descoloridos na parede da sala, onde por muito tempo estiveram os retratos dos avós maternos, Ruy e Teresa, os quais ela retirara e guardara depois da morte de sua mãe, Virgínia. Pois eles, que moravam longe, em Belo Horizonte, e nunca apareciam, vieram então, com a tia Renata e um dos filhos dela, o primo Zé Márcio. Quando Laura morreu, não muito depois, o avô Ruy ligou querendo saber do destino da casa dela, nas Mercês, porque tinham ajudado na compra, deram dinheiro, era de Laura, não de Antonio, queriam vender e repartir o dinheiro com Ana. Ela nada conhecia dessas coisas, mas tinha visto o

esforço da mãe e do pai em ajudar Laura a arrumar casa depois do casamento, porque Antonio não tinha condições, ganhava pouco como contador. Por isso, ficou revoltada, sem saber o quanto havia de verdade e com a falta de sentimento em meio a tantas tragédias. Da briga não saiu solução e foi definitivo o distanciamento da única parte da família que lhe restava. Enquanto envelhecia, Ana não mais falou deles com ninguém. Só soube das mortes dos avós maternos num acidente de carro por um telefonema do primo Zé Marcio. E assim findou a comunicação com os parentes.

Lembranças cortadas pela percepção do aumento do calor na testa, da febre que aumenta. O corpo tremendo, Ana levanta-se do chão frio, onde estava deitada, e volta a ajoelhar-se, sem ousar ainda levantar a vista para a presença angelical.

— Eu peço perdão pelo orgulho e pela soberba! Minha solidão foi minha culpa, mais que resultado dos desígnios celestes!

Absorvida pelas próprias considerações, Ana não repara no sentido da resposta do arcanjo ou mesmo se ele responde. Recordações assomam à memória, das viagens na infância para Belo Horizonte. De ficar na casa dos avós maternos, Ruy e Teresa. De escutar música na radiola do avô, que gostava de boleros e de orquestras. De saírem, ela, Laura e a mãe Vírgina, com a tia Renata, ainda solteira, que brincava com ela, a sobrinha mais nova. E que compravam doces e sorvetes. Lembra de bolinhos de graxa, café com leite, bolos de fubá, sente até mesmo o cheiro deles e um sentimento forte a faz

engasgar, não consegue segurar os gemidos e as lágrimas.

Só depois reina o silêncio, enquanto acalma-se, põe os pensamentos em ordem. Então, lembra-se do perdão.

— *Estás pronta, Ana, o coração limpo de toda mágoa?* É o que pergunta o arcanjo ou o que ela pensa ouvir.


Mas, se o arrependimento e o choro convulsivo a aliviaram do peso do afastamento dos parentes, resta a lembrança de Antonio.

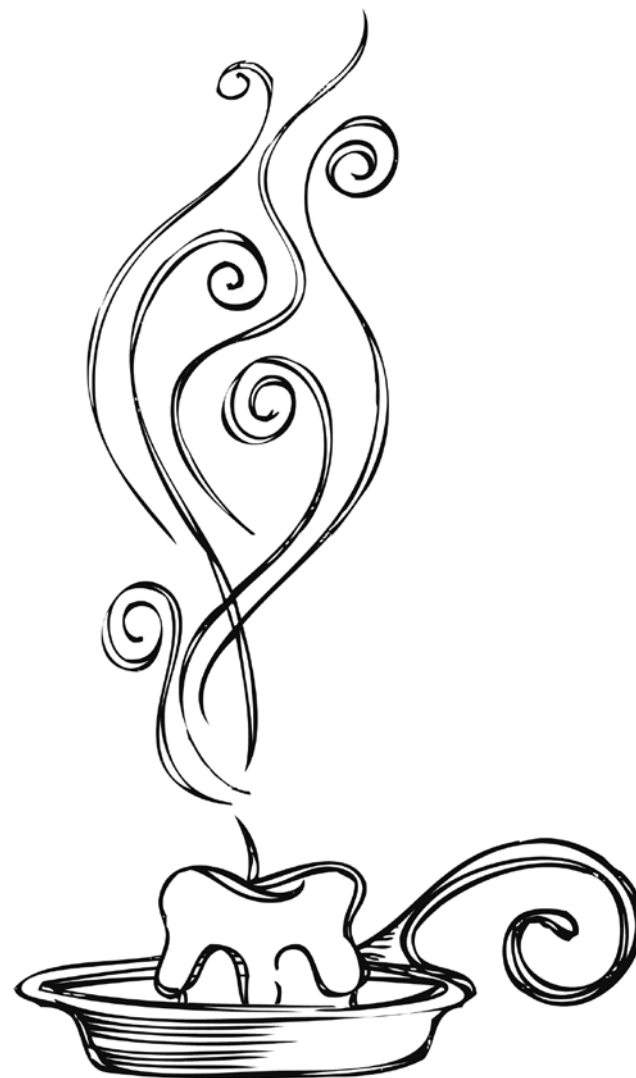
Dez anos depois da morte de Laura, Ana resolveu rezar pela alma da irmã na igreja das Mercês, que frequentara antes com a amiga Neusa. E foi lá que a reencontrou. Neusa, junto com Antonio. Quando a viram, os dois perderam a cor. Nada foi dito. Levantaram-se do banco onde estavam e saíram da igreja, foram embora. Nunca mais os encontrou, nunca teve notícias.

A testa explode de calor, Ana sente uma onda de dor vindo do estômago, que a faz estremecer e cair ao chão. Tem dificuldades para respirar, a garganta se fecha, ela tosse e isso aumenta as dores e as contrações do corpo. A visão começa a escurecer. Ana olha para a chama da vela, quase toda queimada, em frente ao quadro da imagem da Virgem Maria a pisar na serpente, única e pequena luz que vê.

— Só Deus pode perdoar...diz, em palavras entrecortadas.

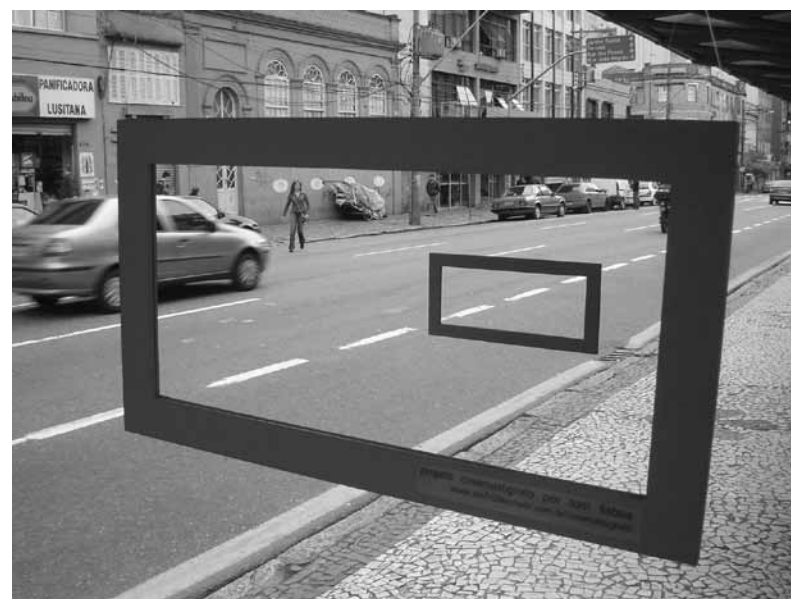
E os olhos nada mais veem. O pequeno toco de vela ainda leva algum tempo a queimar, sobre o pires. Depois, acaba. Não há cheiro de incenso nem perfume de rosas recém-colhidas. A noite predomina, a casa está escura e fria. ■

 **Otávio Duarte** nasceu em Campo Mourão, Paraná, em 1953. Jornalista e escritor, morou e trabalhou em Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, e voltou a residir na capital do Paraná. Autor, entre outros, do livro de contos *Seis romances e uma pintura* (2001) e do romance *Amor Absoluto* (2012).




CLIQUESES

EM CURITIBA





 **Tom Lisboa** está radicado em Curitiba desde 1987. Atua como artista visual, professor de cinema e fotografia e curador independente. Realizou diversas exposições no Brasil e exterior e recebeu os prêmios Funarte Marc Ferrez de Fotografia e o Prêmio Porto Seguro de Fotografia. Este ensaio é composto pelo registro fotográfico de sua intervenção urbana “Projeto Cinematógrafo”, em que molduras coloridas foram penduradas em vários locais de Curitiba para que o espectador experimentasse uma sensação de “cinema ao vivo”.

O ANO LETIVO

HISTÓRIA



MATEMÁTICA



INGLÊS



GEOGRAFIA




RELIGIÃO



FÍSICA



 **André Dahmer** é artista plástico e desenhista. Criador da tira *Malvados*, publica seus trabalhos na internet e em jornais como *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. É autor do livro *Vida e obra de Terêncio Horto*, sobre um escritor eternamente frustrado, tão ambicioso quanto amargurado. Dahmer vive no Rio de Janeiro (RJ).